



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

**OLHARES DE PAIS E VIVÊNCIAS DE FILHOS:
UMA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL
EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR**

Maria do Carmo Cavalheiro da Cunha

dezembro de 2015



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Maria do Carmo Cavalheiro da Cunha

OLHARES DE PAIS E VIVÊNCIAS DE FILHOS:
UMA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR

Mestrado de Promoção e Educação para a Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutora Maria Luísa Ramos Santos

Mestre Carina Maria Sobral Parente

dezembro de 2015

Cunha, C. (2015). Olhares de pais e vivências de filhos: uma abordagem da educação sexual em contexto pré-escolar. Tese de Mestrado em Promoção e Educação para a Saúde apresentada na Escola Superior de Saúde/ Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Palavras-chave: SEXUALIDADE, AFETOS, EDUCAÇÃO SEXUAL, PRÉ-ESCOLAR, PAIS

DECLARAÇÕES

Declaro que a presente Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente.

O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente referenciadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O Candidato,

Declaro que esta Dissertação demonstra qualidade e se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

Os Orientadores,

Viana do Castelo, dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Afirmar “Só é possível ensinar uma criança a amar, amando-a” (Goethe, s.d.) ou dizer que “o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram” (Piaget, 1970, p. 53) ou mesmo ainda parafrasear Alves (2002, p. 29) quando declara que “há escolas que são gaiolas e outras que são asas” é legitimar todas estas belas verdades inquestionáveis, que vamos comprovando no nosso cotidiano pessoal ou profissional. Na verdade, tais velhas máximas filosóficas encerram mensagens de grande sabedoria e verdade e são sempre um bom ponto de partida e a garantia de um começo marcante.

Sem querer colocar em causa a minha credulidade nestes aforismos e por defeito de formação ou efeito de *paixão* pretendo dar início ao trabalho tomando as palavras que levam as crianças ao encontro da fantasia: *Era uma vez ...* Era uma vez uma turminha de crianças inquietas, curiosas, enérgicas e ávidas de crescer, um grupo de pais ansiosos e desejosos de construir a felicidade junto dos seus filhos, uma educadora de infância que reconhece na sua tarefa de educar um desafio, uma arte, uma missão, e que acreditava... num sonho. O sonho de construir na escola um projeto comum protagonizado por pais, crianças, uma equipa dinamizadora num espaço favorável à concretização do sonho.

Hoje vou partilhar as páginas desse sonho e revelar como este conquistou asas, ganhou força e, com motivação, entrega, ousadia e muito carinho, se materializou.

Aos pais e às “minhas crianças” dedico o fruto desse esforço.

AGRADECIMENTOS

Agradecer vem do Latim *gratus*, “o que agrada ou que reconhece um agrado”.

No final desta caminhada quero expressar o meu reconhecimento a todos aqueles que de uma forma singular me acompanharam...

À Doutora Luísa Santos que na sua genuína acutilância e assertividade me estimulou, sabendo usar da sua experiência e saber para me “chamar à realidade” quando por vezes “a tela do meu mundo ficava intensamente cor-de-rosa”.

À Doutora Carina Parente que no seu enorme companheirismo e doçura sempre tinha a palavra certa para a ocasião, ora de apoio e reforço, ora de serenidade ou de incitação.

Ao meu marido, companheiro e amigo que nos momentos de desânimo ou cansaço me reforçou, nos momentos de euforia e absorção me abrandou, nos momentos de conquista se alegrou também comigo e pelas horas de ausência de atenção (prometo compensar!).

Aos meus filhos, à Carla e à Rita que tinham sempre “na manga” uma sugestão para dar, uma palavra para atenuar ou descomplicar alguma preocupação, pelos contributos e ajudas dados com tanta disponibilidade e carinho.

Aos meus pais que na sua forma de amar se inquietavam com tanto investimento no trabalho, entrega e horas de sono perdidas, sem jamais deixar de me apoiar...

Ao Rui, Cristina e em especial à Beatriz, “my private english teacher” a quem vezes sem conta recorri, com um “sim” fácil para dar.

Às minhas amigas Deolinda, Júlia, Zinha, São, Manela, pois cada uma, a seu jeito, foi uma verdadeira companheira nesta minha jornada!

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
ÍNDICE GERAL	iii
ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS	v
ÍNDICE DE ANEXOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE E PARA OS AFETOS: REALIDADE, VONTADE OU UTOPIA NO PRÉ-ESCOLAR?	5
Métodos	7
Educação Sexual: Um Conceito, Diversas Dimensões	8
A Educação Sexual Informal: Esfera Familiar	10
A Educação Sexual Formal: A Escola	10
A Educação Sexual: Diretrizes Aqui e Além-Fronteiras	11
Em Portugal	11
A Nível Internacional	12
A Pertinência da Educação Sexual no Pré-Escolar	14
CAPÍTULO II – PARENTALIDADE, SEXUALIDADE E NARRATIVAS DOS PAIS	18
Projeto Manta dos Afetos	22
Metodologia	23
Procedimentos Metodológicos	24
Amostra	25
Recolha dos Dados	26
Tratamento e Análise dos Resultados	27
Análise e Discussão dos Resultados	27
Conclusão	38
CAPÍTULO III - MANTA DOS AFETOS: UMA	

ABORDAGEM DOS AFETOS E SEXUALIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA	39
Método	41
Apresentação do Projeto: Objetivos; Estrutura e Aspectos Metodológicos	41
Resultados	47
Análise de Dados	47
Conclusão	49
CONCLUSÃO	51
BIBLIOGRAFIA	54
FIGURAS E TABELAS	61
ANEXOS	71

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

- Figura 1** - Cronograma das implementações: Projeto Manta dos Afetos
- Figura 2** - Planificação em teia: Manta dos Afetos
- Tabela 1** - Grelha de resultados: produções das crianças
- Tabela 2** - Tabela de análise documental - Avaliação final do Projeto pelas crianças
- Tabela 3** - Tabela de análise categorial – Entrevistas aos pais
- Tabela 4** - Tabela de análise categorial – *Focus Group* dos pais

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo 1** - Pedido de autorização à direcção para implementação do Projeto Algodão Doce
- Anexo 2** - Consentimento informado para a participação das crianças no Projeto Manta dos Afetos
- Anexo 3** - Protocolo de consentimento informado para participação dos pais no estudo Algodão Doce (*Focus Group*)
- Anexo 4** - Guião da entrevista aos pais participantes do *Focus Group*
- Anexo 5** - Protocolo de realização da entrevista com pais

RESUMO

OLHARES DE PAIS E VIVÊNCIAS DE FILHOS: UMA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR

A educação para os afetos e para a sexualidade inicia-se no contexto familiar, sendo a escola um espaço privilegiado para a promoção de uma sexualidade saudável.

Este estudo tem como objetivos analisar a implementação da educação sexual em contexto pré-escolar em parceria com as famílias. Simultaneamente procurou-se compreender as percepções dos pais acerca da educação sexual, quanto ao seu papel, à sua comunicação com os filhos e à importância de uma abordagem saudável da sexualidade no pré-escolar. Foi utilizada uma metodologia de natureza qualitativa, no âmbito da investigação-ação. Ao nível das crianças, o projeto de educação sexual *Manta dos afetos* foi aplicado a uma amostra constituída por uma turma de 18 crianças com quatro e cinco anos e contou com a participação das famílias. A metodologia de ação foi sustentada na pedagogia em participação e para o tratamento dos dados recorreu-se à análise documental das produções das crianças e dados da observação. Reconheceu-se a relevância do projeto, que concorreu para uma ampliação de conhecimentos das crianças, mudança conceptual e fortalecimento das relações interpessoais. Ao nível dos pais, a amostra foi constituída por nove pais e privilegiou-se o *focus group* como instrumento de implementação e recolha de dados, complementado com a entrevista semiestruturada. Os dados recolhidos foram tratados e sujeitos à análise de conteúdo. Pelos resultados constatamos que os pais sublinham a importância de uma abordagem da sexualidade e dos afetos desde tenra idade, apontaram temáticas, identificaram dificuldades e constrangimentos sentidos e evidenciaram interesse em educar para a sexualidade desde cedo.

O estudo reforça a pertinência de uma abordagem em educação sexual com crianças do pré-escolar, numa estreita parceria com os pais.

Palavras-chave: SEXUALIDADE, AFETOS, EDUCAÇÃO SEXUAL, PRÉ-ESCOLAR, PAIS

ABSTRACT

THE LOOKS OF PARENTS AND CHILDREN' EXPERIENCES: AN APPROACH TO SEXUAL EDUCATION IN THE PRESCHOOL CONTEXT

Emotional and sexual education begins in the family; nevertheless, the school is a privileged space to promote a healthy sexuality.

This study aims to analyze the implementation of sexual education in the preschool context, in partnership with the families. At the same time we tried to understand parental perception on sexual education, their own role regarding it, the way to communicate with their children and the importance of a healthy approach on sexuality in pre-school.

The methodology used was of a qualitative kind, according to a research-action methodology. The project was named "Manta dos Afetos" (Affection Blanket) and was tested on a sample of 18 children (belonging to a single class), aged four to five years old and counted on the participation of their parents. The method of working was based on participatory pedagogy and data analysis, by using children's productions and observational data. The project had a significant impact and relevance, since it contributed to an enlargement of children's knowledge, a conceptual change and strengthening of interpersonal relationships. Regarding the parents, nine parents were used as a sample and an approach of *focus group* was used as a tool to implement and collect data, along with the use of semi-structured interviews. The collected data underwent content treatment and analysis.

With the final results we can say that the parents acknowledge the importance of an early approach to the thematic of sexuality and affections, while describing some difficulties and constraints in doing so and but revealed a great interest in starting sexual education in children from a young age.

This study reveals the relevance of introducing sexual education in pre-school children and the importance of a close partnership with the parents.

Key-words: SEXUALITY, AFFECTIONS, SEXUAL EDUCATION, PRESCHOOL, PARENTS

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APF- Associação para o Planeamento da Família
CAN – Centro de Apoio Nacional
CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial
DOAJ – Directory of Open Access Journals
EpS – Educação para a Saúde
ERIC – Education Resources Information Center
ES – Educação Sexual
GAF – Gabinete de Atendimento à Família
GTES – Grupo de Trabalho de Educação Sexual
IPPF – International Planned Parenthood Federation
IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis
ME – Ministério da Educação
MSO – Medisinernes Seksualopplysning
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
OMS – Organização Mundial da Saúde
SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SciELO – Scientific Electronic Library Online
SCCIECAN – The Sex Information and Education Council of Canada
SIECUS – Sexuality Information and Education Council of the United States
TV – Televisão
UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
VIH – Vírus da Imunodeficiência Humana
WHO – World Health Organization

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O ato educativo é objeto de investigação de imensos estudiosos e alvo de reflexão de tantos educadores que, dentro da sua área específica, procuram discernir os caminhos que potenciam a aprendizagem, a formação e a construção do indivíduo. Esse exercício de educar é entendido na perspectiva de Vygotsky como algo sempre vivo e dinâmico, uma vez que “até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo” (Vygotsky, 2001, citado por Drago & Rodrigues, 2009, p. 50).

Associado ao dinamismo do ato educativo está a sua vertente de continuidade, pois não diz respeito a apenas um período ou fase da vida e não se restringe à idade inicial do indivíduo. Com efeito, a educação deve ser encarada como um processo que acompanha o ser humano ao longo de todas as fases da sua vida e em todos os contextos da sua experiência humana. A ideia de aprendizagem ao longo da vida consegue extrapolar os espaços e tempos formais da escola (Alves, 2010).

O Relatório *Educação, um tesouro a descobrir* publicado para a UNESCO em 1996 sob a presidência de Jacques Delors, define as grandes linhas orientadoras da educação indispensáveis para a construção do futuro da humanidade, cujos pilares devem assentar no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (Delors, 1998). Assim sendo, a educação exige um comprometimento de todos os cidadãos, na medida em que todos se interessam e envolvem numa escola que se pretende melhor, da mesma forma alcançaremos uma sociedade melhor (Guerra, 2001). Devemos assumir que a educação não reside apenas na escola, mas resulta do envolvimento de toda a sociedade: dos pais, das autarquias, das instituições culturais, dos organismos de saúde, desporto,... Logo, o Espaço Público da Educação, ultrapassa as fronteiras da própria escola (Nóvoa, 2014).

A sexualidade humana é um componente integrante da personalidade, presente desde o momento do despertar para a vida até à morte. Segundo a Organização Mundial da Saúde é entendida nos seguintes termos:

Uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (2006, p. 5).

A educação sexual é um processo que está intimamente articulado com a educação para a saúde e para os valores. Deste modo, não podemos descurar esta vertente no todo harmonioso

que é o desenvolvimento integral da criança, não devendo o agente educativo menosprezar esta perspetiva na construção do seu projeto educativo.

Este projeto de investigação resulta da conjugação de dois centros de interesse ligados à assunção de um projeto de vida: o gosto e a aposta na educação como meio, por excelência, na construção de pessoas únicas e autênticas, e a paixão pelo serviço na educação de infância, condimentada com o prazer pelo saber e alimentada pelo exercício de uma prática reflexiva e pela motivação em aceitar novos desafios. A escolha da temática decorre da adesão a um projeto da responsabilidade do CAPS VIH/SIDA do GAF de Viana do Castelo (Centro de Atendimento Psicossocial/Gabinete de Atendimento à Família), que dava os seus primeiros passos numa parceria em articulação com o IPVC (Instituto Politécnico de Viana do Castelo), visando a educação para os afetos e para a sexualidade no pré-escolar, com o envolvimento de educadores de infância e de pais.

O objetivo desta dissertação é analisar a importância e a pertinência da implementação de um projeto de educação para a sexualidade em contexto pré-escolar, envolvendo um trabalho de parceria colaborativa com as famílias. O estudo implicou uma turma de crianças com quatro e cinco anos de um jardim de infância da rede pública do concelho de Viana do Castelo, visando desenvolver competências pessoais e sociais dessas crianças. O mesmo pretendeu ainda concorrer para a compreensão das perceções e das expectativas dos encarregados de educação relativamente à sexualidade e, simultaneamente dotá-los com melhores “ferramentas” para poderem concretizar junto dos seus filhos uma educação para a sexualidade harmoniosa, contextualizada no conhecimento esclarecido e nos afetos. Neste âmbito recorreu-se ao *focus group* como metodologia de recolha de dados.

Este trabalho engloba três capítulos, correspondentes a artigos (submetidos ou em fase de publicação), antecedidos por um capítulo introdutório e encerra com um capítulo no qual se apresentam as principais conclusões e considerações finais.

No primeiro capítulo é apresentada uma revisão da literatura reportada aos últimos dez anos, procurando conceptualizar a educação para a sexualidade, como realidade multidimensional. Evidencia-se a função primordial da família na educação para a sexualidade com ênfase no papel das emoções, dos afetos e dos valores, e da escola como subsidiária da família, reforçando e complementando a sua função educativa. Identificam-se algumas orientações e normativas, no que se refere à regulamentação e à implementação da educação sexual em meio escolar, quer em Portugal, quer em outros países. Sublinha-se e fundamenta-se a relevância da abordagem da educação para a sexualidade desde o pré-

escolar, reconhecendo a necessidade de uma ação concertada entre a escola e a família e da intervenção de educadores empenhados e qualificados.

No segundo capítulo analisam-se os discursos dos pais através de uma investigação de natureza qualitativa, recorrendo à modalidade de investigação-ação. Definem-se as amostras que são caracterizadas por dois tipos de participantes: uma turma de 18 crianças com quatro e cinco anos de idade, na qual foi implementada um projeto no âmbito da educação sexual e dos afetos e um grupo de pais (oito do sexo feminino e um do sexo masculino) também envolvidos. Relativamente à amostra dos pais, são discriminadas as opções metodológicas (*Focus Group* e entrevista semiestruturada), justificando-se a sua escolha e a sua aplicação face aos objetivos pretendidos para o referido estudo. Os dados recolhidos foram analisados e tratados com recurso à análise de conteúdo.

O terceiro capítulo tem como propósito apresentar um projeto intitulado “Manta dos Afetos”. Este foi operacionalizado no ano letivo 2013-2014 com uma turma de 18 crianças e teve como objetivos determinar as áreas a valorizar num programa de educação sexual para crianças do pré-escolar, verificar a adequação dos materiais pedagógicos criados e aferir a sua utilidade na abordagem da educação sexual em casa. O desenvolvimento deste projeto assentou numa perspetiva holística, abrangendo todas as áreas de conteúdo e respetivos domínios preconizados nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar – OCEPE (Ministério da Educação, 1997) e contou com a participação das famílias em todo o seu decurso. A metodologia de ação revestiu-se de um carácter lúdico, com propostas participativas, significativas e dinâmicas que concorreram para a adesão e um maior envolvimento das crianças nas atividades. Os conteúdos versados incidiram no conhecimento do corpo, na identidade sexual e representações de género, no conceito de estrutura familiar e nos fenómenos da vida (conceção, gestação e nascimento).

As conclusões desta investigação são descritas no último Capítulo e derivam da conjugação das conclusões retiradas em cada artigo, evidenciando alguns constrangimentos e apontando algumas preocupações e recomendações.

**CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE E PARA OS AFETOS:
REALIDADE, VONTADE OU UTOPIA NO PRÉ-ESCOLAR?**

A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE E PARA OS AFETOS: REALIDADE, VONTADE OU UTOPIA NO PRÉ-ESCOLAR?

A sexualidade acompanha o ser humano desde o seu nascimento expressando-se e vivendo-se em cada momento evolutivo de uma forma distinta. Ao nascermos sexualmente incompletos, é na interação com quem nos rodeia que a nossa sexualidade se constrói. Logo, importa reconhecer a infância como uma etapa de vida, diferente da adolescência e da adultez, mas que se caracteriza por manifestações sexuais próprias (Pedrosa, 2011). Embora a sexualidade infantil permaneça, ainda hoje, uma *terra incógnita* para muitos profissionais, a primeira infância é reconhecida como um território que contém elementos essenciais à formação da sexualidade do adulto (Constantine & Martinson, 1984, citados por Schindhlem, 2011). Neste sentido, atualmente são vários os estudos que se debruçam sobre a importância daquela para o desenvolvimento positivo e adaptativo das crianças e dos jovens.

A educação é um processo construtivo que compreende diversas vertentes, que se entrecruzam e se tocam, cada uma com um rumo próprio e uma meta particular (Silva, Matos, & Correia, 2010). É neste enquadramento que surgem a educação para a cidadania, educação para a saúde, educação para os afetos e, em particular, a educação sexual, cuja promoção eficaz assenta numa abordagem configurada num quadro multidimensional, suportada numa verdadeira parceria escola-família (Ministério da Educação, Ministério da Saúde, APF, & CAN, 2000) e cuja implementação deverá iniciar-se preferencialmente na idade pré-escolar (Marques, Vilar, & Forreta, 2002).

A educação pré-escolar tem uma identidade própria e dirige-se a crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, tendo como finalidade contribuir para o desenvolvimento físico, afetivo, social e intelectual destas.

É neste enquadramento que se desenvolve a educação para a saúde e, em particular, a educação sexual. São apresentadas inúmeras razões para a abordagem da educação sexual e para os afetos precocemente, a saber: a curiosidade das crianças face ao tema; a necessidade de se lutar contra os *currículos ocultos* já que o facto de não se informar ou ignorar questões é, em si, uma forma de educação sexual que importa suprimir e optar pela planificação intencional e adaptada, apostando-se nas dimensões afetivas e relacionais, através do conhecimento do corpo, da promoção da autoestima e do autoconceito das crianças (Pedrosa, 2011).

Para se realizar uma abordagem em educação sexual dever-se-á ter em conta um modelo que vise a promoção da saúde e implique a utilização de estratégias participativas e

multidisciplinares, entendendo-se a saúde como o pleno desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Neste sentido, deverá ser colocada a tónica na participação, de forma que aquele possa responder positivamente: (1) às exigências de um ambiente em constante mudança (Martins, 2005); (2) às características dos seus destinatários, não descurando as áreas de interesse e as necessidades próprias de cada idade, estando assim a resposta ajustada ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional e relacional e às competências e aprendizagens esperadas para cada nível etário; (3) à família, encarada como instância primeira e determinante na educação para a sexualidade, sendo imprescindível a articulação desta com a escola, através de uma ação concertada, no sentido de “contribuir para uma vivência mais informada, mais gratificante e mais autónoma, logo, mais responsável da sexualidade” (Frade, Marques, Alverca, & Vilar, 2009, p. 22); (4) à escola como espaço de socialização, pelo carácter formal, intencional e formativo de que se reveste, devendo contribuir para a construção de um projeto próprio e adaptado a cada realidade concreta, através da colaboração de um corpo docente empenhado, competente e qualificado. Todavia subsistem algumas resistências, receios e obstáculos por parte dos profissionais de educação, que impedem o pleno exercício, apesar do quadro legal e normativo atual legitimar a implementação da educação sexual em meio escolar (Anastácio, Carvalho, & Clément, 2008).

No fundo, procuramos conhecer orientações nacionais e internacionais propostas pelos investigadores desta área com o intuito de reunir suporte para a premissa que orientou o presente estudo: é através da colaboração efetiva escola-família, o mais precocemente possível, que se alcançará uma socialização positiva da criança afastada de mitos e preconceitos e envolvida por princípios e valores pessoais e morais que funcionarão a médio e longo prazo como factores protectores para o desenvolvimento da criança (Pedrosa, 2011).

Métodos

Esta revisão da literatura teve como ponto de partida uma pesquisa no portal da B-on, com o intuito de refinar o tema e obter as fontes com maior número de entradas na temática *educação sexual*. Procurou-se recolher um conjunto de artigos de revistas científicas com texto integral e teses focalizando o período de pesquisa nos últimos dez anos (2004-2014), totalizando setenta e um documentos. Foram privilegiados os seguintes portais de acesso aberto: DOAJ (Directory of Open Access Journals), SciELO Portugal, ERIC (Institute of Education Sciences) e Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (portal que facultou o maior número de artigos, alcançando trinta registos consultados), utilizando como descritores de pesquisa: *sexuality; sexual education/sex education; sexual health education*.

Pudemos verificar que existe uma satisfatória produção científica neste domínio, respeitante aos descritores mencionados, contudo importa também referir que para esta revisão bibliográfica foram adotados inicialmente como palavras-chave de pesquisa os termos: pré-escolar, afetos e sexualidade, sendo que os resultados encontrados foram poucos e residuais (artigos que incidiam sobre as concepções e representações de educadores de infância neste domínio ou teses/relatórios de estágio que abordavam a educação emocional, existindo um relatório referente à implementação de um projeto de educação sexual no pré-escolar com enfoque nas questões da anatomia e conhecimento do corpo). Tal evidência obrigou a uma reformulação dos descritores e a uma nova linha de investigação, sem deixar de ter presente o cerne da mesma que era a educação sexual num cenário de educação para a saúde.

A consulta nesta área, designadamente a nível nacional, recaiu no portal digital da APF (Associação para o Planeamento da Família) e no âmbito europeu acedeu-se ao sítio eletrónico do Parlamento Europeu e da IPPF European Network (International Planned Parenthood Federation). A um nível mais amplo, consultaram-se as plataformas digitais de organizações internacionais como a WHO (World Health Organization), UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) e OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico) e portais digitais de organizações de investigação e conhecimento ligados à educação sexual como a SIECUS (Sexuality Information and Education Council of the United States) e a SIECCAN (The Sex Information and Education Council of Canada). Foram ainda consultadas onze fontes bibliográficas em matéria de educação sexual e para os afetos, cuja pesquisa remontou até ao ano 2000.

Educação Sexual: Um Conceito, Diversas Dimensões

Educação, mais do que um majestoso conceito, é o espaço, a realidade onde tudo se encerra e tudo abarca. Educar é fazer do ato educativo um *nascimento*, pois a cada momento devemos estar despertos para a novidade e nunca entender a educação como tarefa concluída, sendo um processo e caminho que se constrói e projeta ao longo da vida. A sexualidade, dimensão da existência que abrange o ser humano em todas as suas vertentes: biológica, psicológica, emocional, social, cultural, religiosa, manifesta-se sob variadas formas como sejam as emoções, sentimentos, desejos, pensamentos, atitudes, comportamentos e práticas sexuais (Maia, 2010).

Pareceu-nos pertinente iluminar um pouco a nossa reflexão no sentido de uma breve análise e clarificação da díade: educação da sexualidade ou para a sexualidade.

Como refere Serrão (2012), mencionando Oliveira (1993), a educação da sexualidade configura-se num conceito de auto-organização, ou seja, como um processo de autoconstrução do indivíduo, em que este encontra significado para as vivências a partir das interações que estabelece com o mundo e os outros. A compreensão que daí decorre leva-o a agir com coerência e autonomia. Como enfatiza Serrão “a aprendizagem ocorre usualmente em processos dinâmicos nos quais os seres vivos são agentes e não atores passivos de informação externa a si próprios” (p. 77). Ao longo deste processo de autoaprendizagem, o indivíduo vai incorporando mitos, representações, crenças, receios que resultam de influências sociais e culturais e que, por sua vez, exercem influência na sua expressão sexual. Deste jeito, para que esta aprendizagem se processe de forma consciente e responsável e tais distorções possam ser dissipadas ou derrubadas, a educação para a sexualidade ganha sentido e lugar. Neste âmbito, “a educação para a sexualidade deve revestir-se de Humanidade, onde a relação e o afecto partilhem compromissos e assegurem ao Ser Humano uma determinação livre e responsável” (Assunção, 2011, p. 22).

Em Portugal, os autores do relatório preliminar do grupo de trabalho de educação sexual reconhecem a educação sexual, também intitulada como educação para a sexualidade, como sendo “o processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual” (Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2005, p. 6).

A educação para a sexualidade, na perspetiva de Marques et al. (2002) inscreve-se num quadro de promoção da saúde em contexto escolar, abarcando várias dimensões, a saber: biológica, psicoafetiva, sociocultural, relacional e ética. Frade et al. (2009) reforçam a complexidade e a perspetiva global da educação sexual que compreende a identidade sexual, o corpo e seus fenómenos biológicos, a reprodução, mas também a promoção da saúde sexual e reprodutiva, as manifestações da sexualidade e a educação para a afetividade. A abordagem multidimensional da educação sexual é também corroborada por Carvalho (2008) que defende que a dimensão biológica e a compreensão dos seus fenómenos, embora fundamental e vital, deve ser complementada pelas dimensões psicológica, sociológica e ética. Por outro lado, a vertente psicológica debruça-se essencialmente sobre a educação para os afetos e a construção de uma sexualidade saudável, enquanto a sociológica e ética contempla as interações sociais e culturais e um conjunto de valores morais e pessoais que condicionam a vivência particular da sexualidade e determinam escolhas e decisões nesse domínio (Rodrigues, 2012).

Vários autores, em particular Zapiain (2000), adotam a nomenclatura *educação afetivo-sexual* para sublinharem o papel preponderante dos vínculos afetivos e emocionais na

construção de uma efetiva educação sexual. Pesem embora as diferenças terminológicas e expressivas, o posicionamento quanto aos seus propósitos e finalidades é certamente comum.

Em suma, importa reconhecer a educação para a sexualidade sustentada no equilíbrio e dinamismo das suas diversas dimensões - a biológica, a afetiva e relacional e a social - numa perspectiva integradora, sendo todas elas essenciais à existência humana e à vivência saudável da sexualidade.

A Educação Sexual Informal: Esfera Familiar

Pertence às famílias o direito e dever de educar para a sexualidade, sendo o primeiro contexto onde a vida se transmite e se partilha e as relações se constroem. A educação sexual que se realiza em contexto familiar é um processo demorado e rigoroso (que ocorre ao longo de toda a vida) que deve ser alicerçado na responsabilidade, no respeito e tolerância, na assertividade, com vista à satisfação pessoal e relacional (Carvalho, 2008). É certo que na família se faz a aprendizagem da sexualidade, através de uma experiência familiar quotidiana que se oferece, das relações de vinculação que aí se desenvolvem (Fonseca, Soares, & Martins, 2006), dos comportamentos que se aprendem por modelagem, dos padrões de comunicação verbal e não verbal que se estabelecem.

Em contrapartida, estudos internacionais indicam que existe grande insegurança e embaraço por parte dos pais na abordagem das questões da sexualidade, sobretudo no que se refere à quantidade de informação e momento adequados para a divulgar, além de sentirem alguma falta de preparação em termos de conhecimentos científicos e técnicos neste domínio (Anastácio, 2010). Por outro lado, os próprios filhos sentem algum desconforto e constrangimento em tratar, de forma aberta e explícita, este tipo de assuntos com as figuras parentais. Vilar (2005) acrescenta que a educação sexual não pode circunscrever-se exclusivamente ao contexto familiar, sob pena de perpetuarmos o desconhecimento de algumas matérias ou as restringirmos às famílias mais capacitadas. Mais importa acrescentar sobre este ponto que a disfuncionalidade na família poderá acarretar um maior risco para a criança perante a inexistência de uma abordagem complementar em contexto escolar (segunda instância de socialização).

A Educação Sexual Formal: A Escola

A educação em sexualidade definida pela Unesco (2010) sublinha a relevância de uma educação efetiva nesta área, que não se confine somente à responsabilidade parental, mas que deve assumir-se como parte integrante do currículo escolar formal, visando “equipar crianças

e jovens com os conhecimentos, habilidades e valores para fazer escolhas responsáveis sobre seus relacionamentos sexuais e sociais num mundo afetado pelo VIH” (p. 3) entre outros aspetos que merecem igualmente a nossa atenção. Estas orientações são dirigidas a profissionais e técnicos da educação e da saúde, com a pretensão de os apoiar na conceção e na implementação de programas e recursos que concorram para o desenvolvimento da educação em sexualidade em contexto escolar. A sua concretização deve ser apropriada à especificidade de cada faixa etária e enfoca o desenvolvimento do programa dos cinco até aos 18 ou mais anos de idade. Assim sendo, a escola é o contexto favorável para oferecer informação sistematizada, organizada e pertinente sobre a sexualidade e abranger toda a população discente, ampliando os seus conhecimentos e promovendo atitudes e comportamentos decorrentes de escolhas responsáveis e seguras (ME-GTES, 2007).

A abordagem em contexto escolar permite ainda fomentar e disseminar “valores éticos universais, como a igualdade entre géneros, a ética do consentimento, da lealdade e da saúde, o prazer compartilhado” (Sánchez, 2012, p. 64).

O desenvolvimento de programas de educação sexual é entendido pela Sexuality Information and Education Council of United States num cenário de educação para a saúde e deve ter como finalidade “a promoção da saúde, da equidade social e de género, a prevenção de doenças” (SIECUS, 2004, p. 21). Esta tarefa implica algumas predisposições por parte da escola, nomeadamente o compromisso e o envolvimento com a comunidade, sejam as famílias, as autoridades civis e os representantes religiosos.

A eficácia dos programas passa também pela existência de professores preparados e com formação no campo da sexualidade humana e “especialmente treinados para os princípios e metodologias em educação sexual” (SIECUS, 2004, p. 21). Este requisito exige um forte empenho e trabalho aturado por parte dos educadores que os habilite a dialogar abertamente com os alunos, em clima de tolerância, naturalidade, empatia, assertividade, sem recurso a moralismos ou censuras (Nelas, 2010).

A Educação Sexual: Diretrizes Aqui e Além-Fronteiras

Em Portugal

O sistema educacional contempla a educação sexual num quadro de promoção para a saúde, isto é, empenha-se numa intervenção que assente no desenvolvimento pessoal e social, com uma componente de aquisição de melhor informação e treino de competências, no sentido de capacitar os indivíduos para a mudança efetiva de atitudes e comportamentos (Anastácio, Carvalho, & Clément, 2005).

A aposta na educação para a saúde havia sido um forte compromisso lançado em 1999, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), aquando da publicação do documento *Health for all in the 21st century*, que enfatiza o papel dos educadores - desde o pré-escolar até ao ensino superior - como sendo fundamentais no “contributo para o desenvolvimento dos indivíduos e no incremento de valores, conhecimentos e competências em matéria de promoção da Saúde” (WHO, 1999, p. 155). Nele são definidas metas muito precisas no que toca à educação pré-escolar, à educação no ensino básico e secundário. Assim, concretamente até 2015, pelo menos 50% das crianças em idade pré-escolar e 95% dos alunos do ensino básico e secundário tenham a oportunidade de frequentar estabelecimentos de ensino Promotores de Saúde.

No contexto nacional, surge a figura de coordenador de educação para a saúde como responsável na escola pela coordenação dessa área e como dinamizador das linhas de orientação e ação promotoras da Saúde na comunidade educativa (Portugal. Despacho nº 2506/2007). Posteriormente, a implementação da educação sexual em meio escolar, desde o ensino básico ao secundário, foi integrada nas áreas curriculares, sendo prevista a sua abordagem transversal em todos âmbitos do currículo e estipuladas como finalidades o desenvolvimento de competências, a melhoria dos relacionamentos afetivo-sexuais, a eliminação de comportamentos discriminatórios no campo sexual, com vista à capacitação dos jovens para escolhas informadas e seguras (Portugal. Lei nº 60/2009).

Já em 2010 é definido o enquadramento da educação sexual no currículo escolar e são explicitados os conteúdos, carga horária, parcerias, intervenientes e responsáveis, tipos de formação, de forma a garantir e uniformizar a operacionalização da educação sexual (Portugal. Portaria nº 196-A/2010).

Todo o quadro normativo legal existente revela o reconhecimento da educação sexual, a premência e o carácter obrigatório da sua inclusão nos projetos educativos das escolas.

A Nível Internacional

O panorama internacional evidencia discrepâncias assim como pontos de sintonia e analogia na implementação da educação sexual em meio escolar.

Em países como Finlândia, Alemanha, Bulgária, Japão o desenvolvimento da educação sexual é concomitante com os primeiros anos de escolaridade obrigatória, ao passo que na Dinamarca, Polónia e Espanha a contemplam a partir dos 12/13 anos (período da adolescência) (IPPF, 2006). As abordagens mais tardias acontecem na Itália (14/19 anos) e nos Estados Unidos (ensino secundário) (Knowles, 2012). Em contrapartida, na Bélgica,

França, Grécia, Luxemburgo, Irlanda, Suécia (IPPF, 2006), Austrália (Walsh & Mitchel, 2011), Chile (Matos et al., 2009) e Brasil (Gomes, 2014) a implementação ocorre a partir dos cinco/seis anos, com caráter obrigatório nos primeiros seis países, já na Holanda é mais precoce (quatro anos), com enfoque nos aspetos do conhecimento do corpo, autoimagem e relações interpessoais conforme o programa *Relationships & Sexuality* (Beaumont & Maguire, 2013).

Relativamente às perspetivas orientadoras da implementação da educação sexual, a biológica e preventiva assume um enfoque demarcado na maioria dos países, sendo os conteúdos tratados no âmbito das disciplinas de Biologia e Educação para a Saúde, por professores das áreas de conhecimento, sendo coadjuvada por técnicos de saúde na Noruega, França, Holanda e Austrália ou ainda através do estabelecimento de parcerias com centros ou associações para o planeamento familiar (Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Grécia, Reino Unido) como referem Beaumont e Maguire (2013). Nas quatro maiores cidades da Noruega algumas aulas são ministradas por uma organização de estudantes de Medicina (MSO) (IPPF, 2006).

No que concerne às temáticas abordadas em França, Espanha, Japão (Marinho, Anastácio, & Carvalho, 2011), Canadá (McKay, 2010) e Brasil (Gomes, 2014) os programas educativos focalizam aspetos preventivos relativamente à gravidez na adolescência, às infeções sexualmente transmissíveis (IST), em concreto ao VIH/SIDA. De assinalar que nos Estados Unidos os currículos de educação sexual agrupam-se em dois tipos de programas: os que promovem a abstinência (*abstinence-only*) e outros mais globais (*abstinence-plus*) que defendem a abstinência e se revelam mais permeáveis à discussão de temáticas como a contraceção, a gravidez não desejada e as IST. No seguimento do acima referido, Marinho, Anastácio e Carvalho (2011) salientam que, embora a tónica seja colocada na apologia da abstinência, existe uma política promotora, uma prevalência e um maior investimento financeiro nos programas *abstinence-only*.

A vertente psicossocial da educação sexual, com enfoque nos aspetos emocionais, relacionais, culturais e éticos, é explorada, em países como a França, Alemanha, Bélgica, Holanda e Suécia, por professores das áreas de Educação para a Cidadania (Bélgica e Luxemburgo), Ética (Alemanha), Formação Pessoal e Social (Irlanda e Inglaterra), Educação Religiosa (Alemanha, Luxemburgo e Irlanda) ou sendo da responsabilidade de todos os professores como acontece em França e na Suécia (IPPF, 2006).

No tocante ao envolvimento dos pais no desenvolvimento da educação sexual, na Áustria este é efetivo e traduz-se na sua participação em conferências e na divulgação de

materiais pedagógicos usados nas aulas. Na Polónia, a educação sexual é abordada numa perspetiva filosófica (e não biológica) de transmissão dos valores tradicionais e valorização dos papéis familiares, com a nomenclatura de *Educação para a Vida Familiar*, dado que a sexualidade é assunto tabu (IPPF, 2006).

Na implementação da educação sexual na Europa, apesar de vigorar a metodologia tradicional, ensino através de aulas formais e expositivas, é utilizado um leque variado de abordagens. Neste sentido, importa mencionar que a aplicação de técnicas interativas e participativas, em específico, apresentações, debates, jogos e problemas, teatros e jogos dramáticos (*role playing*) são essenciais nas abordagens realizadas na Finlândia, França, Luxemburgo e Holanda. Os meios convencionais de comunicação (rádio, televisão e imprensa) e recursos audiovisuais e multimédia (filmes, vídeos, internet) são materiais pedagógicos utilizados em França, Dinamarca, Grécia e Holanda (IPPF, 2006).

A educação pelos pares é uma estratégia promotora de ensino-aprendizagem valorizada na Suécia, e países como a Finlândia e a Alemanha privilegiam os grupos de trabalho/discussão (IPPF, 2006). Por sua vez, na Dinamarca aposta-se no convite a prostitutas, homossexuais e indivíduos com SIDA para relatarem e partilharem com os alunos as suas experiências de vida. Em Espanha e em Itália são organizados *workshops* para a exploração destas temáticas (Beaumont & Maguire, 2013). No Brasil recorre-se frequentemente à dinamização de palestras apresentadas por profissionais de saúde (Aquino & Martelli, 2012).

Na Europa sobressaem variações, quer entre países, quer entre as regiões de um mesmo país. Os programas de educação sexual mais abrangentes e com maior eficácia são desenvolvidos nos países nórdicos e do Benelux (Bélgica, Holanda, Luxemburgo), ao passo que nos países da Europa do sul e do leste estes apresentam menor eficácia e mais limitações, ou são praticamente inexistentes (Chipre, Itália, Polónia), com exceção para Portugal e Espanha (Beaumont & Maguire, 2013).

A Pertinência da Educação Sexual no Pré-Escolar

No seguimento do acima exposto, há pontos que importa destacar e questões a levantar. A educação sexual parece ser condição indispensável para se alcançar o bem-estar e a saúde, encontrando sustentação num quadro jurídico e normativo internacional através da sua promoção e do desenvolvimento em meio escolar.

O enquadramento legal português, cujas alterações e reformulações datam de 2009 (Lei nº 60/2009 e sua regulamentação com a Portaria nº 196-A/2010), clarifica a aplicação da educação sexual em meio escolar num quadro de educação para a saúde. Ressaltamos a

omissão da educação pré-escolar neste processo, pese embora as OCEPE sublinhem a relevância desta abordagem integrada na vertente da educação para a cidadania e estudos empíricos neste domínio enfatizem a promoção da educação para a sexualidade e afetos desde a primeira infância. Este é um período favorável para educar as crianças em matéria de sexualidade (Eyre & Eyre, 1998; Hokusawa, 1993; Luk, 2005; Roffman, 2002; Woody, 2002, citados por Lai, 2005), pelo facto de que nesta idade as crianças manifestam uma curiosidade natural e gostam de questionar sobre todos os aspetos da vida, incluindo sobre sexualidade (Lahaye & Lahaye, 1998; Ming Pao Local News, 2000, citados por Lai, 2005). Para Opper (1996) citado por Lai (2004) “a primeira infância é uma etapa formativa com significativas influências nos valores e comportamentos futuros” (p. 2). Pelos quatro ou cinco anos, as crianças adquirem um conjunto de perceções da vida através das relações que vão desenvolvendo e, tais relações constituem marcos decisivos, “lições cognitivo-emocionais”, que são o alicerce de toda a aprendizagem subsequente.

No contexto do pré-escolar, as interações que as crianças estabelecem com os educadores e seus pares vão-se complexificando e, à medida que os educadores vão respondendo aos seus gestos, curiosidade, inquietações, através da comunicação verbal e do jogo simbólico, as crianças vão estruturando as suas emoções e os seus pensamentos, tomando consciência de si mesmas (Wieder & Greenspan, 2002). É ainda neste contexto que é proporcionada à criança a descoberta do seu corpo e da sua importância, do respeito pelo mesmo e pela pessoa do outro. Outras valiosas conquistas são ainda a aceitação da sua identidade e o reconhecimento do papel do homem e da mulher, aprendendo a apreciar a riqueza da sexualidade que influencia toda a nossa personalidade e toda a nossa vida (Cortesão, Silva, & Torres, 2005).

Re (2007) defende que os conteúdos de educação para a sexualidade em idade pré-escolar passam por quatro grandes áreas: conhecimento e valorização do corpo, relações interpessoais, identidade sexual e reprodução humana. O questionamento por parte da criança sobre a temática da sexualidade desencadeia uma procura de respostas que satisfaçam as suas necessidades, que se pretendem claras e pertinentes com vista a um desenvolvimento afetivo e sexual saudável. O autor sugere ainda que se promova uma apropriação adequada do seu corpo e da sua sexualidade, incluindo a autovalorização e a autoestima. Alguns autores apelam mesmo à educação para a sexualidade abordada no currículo da educação de infância como um tema transversal (tal como a educação para a saúde) o que irá permitir esclarecer dúvidas e contrariar estereótipos discriminatórios presentes no quotidiano das crianças (Cortesão et al., 2005).

Por outro lado, importa desafiar os pais para um envolvimento efetivo na ação educativa, assumindo-se como verdadeiros parceiros, em projetos de educação e, em particular, nos de educação sexual. Tal desafio incitará ainda a promoção de competências parentais de forma transversal à comunidade em geral. Esta colaboração é algo que naturalmente se desenvolve no espaço educativo do pré-escolar, pois nesta etapa de educação os docentes privilegiam bastante esta interação, estabelecendo com os pais uma relação muito próxima e de confiança, a qual se materializa na participação daqueles em atividades e iniciativas escolares do quotidiano dos seus filhos (Marques, 2001). Estas parcerias positivas permitem, por um lado, obter dos pais uma informação e conhecimento mais precisos acerca das necessidades da criança e, por outro, possibilita ao educador um maior investimento na partilha e negociação com os pais, com vista a uma aprendizagem das crianças pela interação e participação (Siraj-Blatchford, 2004).

Torna-se importante enfatizar o papel da educação pré-escolar dentro do sistema educativo, cuja ação está imbuída de uma intencionalidade educativa, mas configurada numa singularidade própria, e que se baseia na valorização da criança e na promoção do seu desenvolvimento, no respeito pelo seu ritmo e estilo de aprendizagem. Logo, existindo um currículo mais aberto e flexível que não se centre nos resultados académicos finais ou no cumprimento de metas programadas, a educação pré-escolar está mais recetiva para a abordagem de temáticas diversificadas e multidimensionais (e menos sistematizadas) e liberta do peso institucional da avaliação formal que é inerente aos restantes níveis de ensino (Serra, 2004). Assim sendo, existe um clima mais favorável ao desenvolvimento de projetos inovadores, designadamente no âmbito da sexualidade e dos afetos, um menor constrangimento por parte dos educadores para aceitar experiências desafiadoras, potenciando um envolvimento mais natural, descontraído e efetivo das famílias para a implementação dessas iniciativas.

A preocupação com a educação sexual nas escolas é crescente e real, mas carece de um maior investimento e da criação de sinergias favoráveis ao seu desenvolvimento. Assim, parece ser necessário investir na qualificação dos educadores quer através da formação académica inicial, quer ao longo do percurso profissional (salvaguardada e contemplada pelos normativos legais vigentes), no sentido da sua capacitação que minimize receios e constrangimentos.

Entendendo a educação pré-escolar como a “primeira pincelada numa tela” onde os afetos, o desenvolvimento sexual, a igualdade de género, a cidadania, o *empowerment* das famílias aparecem como fundamentais no seu contexto formal de aprendizagem, importa

continuar a caminhada no sentido de se procurarem as melhores soluções e oportunidades para promover o acesso à educação para os afetos e para a sexualidade desde tenra idade. Porém, mantemos em aberto duas questões delicadas neste âmbito: a inclusão no desenho dos currículos escolares ou a sua abordagem interdisciplinar e transversal e ainda o livre arbítrio e a decisão das escolas relativamente à forma de implementação da educação sexual.

Nota final: este trabalho foi submetido para a Revista Investigar em Educação (Cunha, Parente & Santos, 2015a). Manuscrito não publicado.

CAPÍTULO II – PARENTALIDADE, SEXUALIDADE E NARRATIVAS DOS PAIS

PARENTALIDADE, SEXUALIDADE E NARRATIVAS DOS PAIS

A função parental é o exercício de um conjunto de papéis, cujo desempenho visa concorrer para o processo de formação do indivíduo, assegurando a sua proteção, estimulação, socialização e transmissão de valores e satisfazendo necessidades físicas, afetivas, emocionais, cognitivas e sociais (Pereira & Alarcão, 2014). Assim sendo, é central por exercer um efeito determinante no crescimento e no desenvolvimento dos mais novos (O'Connor & Scott, 2006; Kumpfer & Alvarado, 2003). Deste modo, partimos do pressuposto que a educação para a saúde, em particular no que respeita aos afetos e à sexualidade, cabe a todos os agentes educativos, uns fazendo-o de maneira informal, transmitindo através de valores, atitudes, silêncios e práticas de vida quotidiana, os modelos e representações próprias sobre a temática e outros de modo formal, através de estratégias educativas conscientes e intencionadas. Neste sentido, urge fazer-se um trabalho exploratório de articulação de esforços e práticas, de partilha de saberes e responsabilidades e ainda de proximidade com os principais intervenientes no processo: as crianças, a família e a comunidade educativa (Oliveira, 2010).

Investigadores e profissionais de saúde reconhecem a relevância do papel da família e das instituições educativas desde a primeira infância para a promoção da saúde e a prevenção das doenças (Anderson & Bury, 1988; Cohen & Wills, 1985; Kazak, 1989 citados por Pequegnat & Szapocznik, 2000). É de realçar que o envolvimento parental no contexto-escola pode atenuar desvantagens e melhorar a equidade, dado que uma melhor *performance* de uma criança pode derivar de um apoio mais eficaz em casa. No fundo, procura-se enfatizar que a educação parental fortalece a capacidade da família e as competências dos pais para preservarem o ambiente familiar positivo adequado à promoção do desenvolvimento global e integrado da criança, apoiando-os na resposta aos desafios que estas colocam no dia-a-dia e proporcionando contextos de promoção de uma parentalidade positiva.

De uma forma geral, a parentalidade “mais do que um papel ou uma função é um processo de desenvolvimento dos pais” (Daly, 2007, citado por Pereira & Alarcão, 2014, p. 158), cujo processo é caracterizado por expectativas, dúvidas, desejos e inquietações. Nem sempre os pais conseguem lidar com a exigência que o exercício da parentalidade pressupõe, daí a importância atribuída às redes de apoio que podem ser de dois tipos: informal (familiares, amigos, grupos de pais, associações) ou formal, através da intervenção de profissionais e instituição como hospitais, serviços de segurança social, programas de intervenção (Brandão & Craveirinha, 2011). Funcionam como um suporte emocional e de

informação e, ainda como espaço de ajuda e de partilha de experiências e situações comuns com vista a otimizar as suas competências parentais.

No seguimento do acima mencionado, considera-se a infância como um período favorável à abordagem de temas relacionados com a afetividade, a sexualidade saudável, a igualdade de género, a prevenção e combate à violência doméstica e à não discriminação (Hokuzawa, 1993; Lai & Lo, 2004; Luk, 2005; Roffman, 2002; Woody, 2002, citados por Lai, 2005). Neste âmbito, em Portugal, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Portugal. Lei nº 5/97 de 10 de fevereiro) considera esta como complementar da ação educativa da família e defende que o trabalho conjunto tem um efeito positivo para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos adultos que desempenham funções na educação das mesmas, atribuindo especial importância à educação para a cidadania, para a multiculturalidade e para a saúde por contribuírem para o bem-estar e qualidade de vida das crianças.

Atualmente em diferentes contextos educacionais é colocada uma tónica mais acentuada nas questões relacionadas com a afetividade e a sexualidade (Rocha et al., 2011). Contudo, no ensino regular a implementação da Lei 60/2009 e da Portaria n.º 196 – A/2010, no âmbito da educação para a saúde em contexto escolar, não é uma realidade transversal a todos os estabelecimentos de ensino e não contempla o ensino pré-escolar.

Por um lado, a educação sexual na primeira infância é frequentemente vista com alguma controvérsia (Stone, Ingham & Gibbins, 2013), por outro a família é considerada o contexto com maior impacto no desenvolvimento da identidade e no comportamento sexual desde tenra idade, embora tendencialmente as perceções dos pais revelem alguma confusão entre comportamento sexual saudável da criança e prática sexual (Sciaraffa & Randolph, 2011). Mais tarde surgem a escola e outros agentes sociais cujo contributo é igualmente importante (Counterman & Kirkwood, 2013; Morawska, Walsh, Grabski & Fletcher, 2015).

A evidência empírica indica que os pais e educadores estão interessados em educar os filhos sobre a sexualidade e, simultaneamente os profissionais de saúde reconhecem o seu contributo, entre outros, para a prevenção da infeção pelo VIH e outras IST (Infeções Sexualmente Transmissíveis). Todavia, tanto pais, como educadores revelam-se hesitantes em lidar com comportamentos relacionados com a sexualidade devido ao seu próprio nível de desconforto, à prevalência de abuso sexual de crianças e ao estigma associado a este assunto (Sciaraffa & Randolph, 2011). Muitos pais assumem sentir dificuldade em responder às perguntas das crianças sobre a sexualidade e o mesmo acontece com muitos educadores de infância. Alguns têm opiniões negativas sobre a sexualidade ou consideram que há informação que não se adequa a determinadas idades; outros optam por esperar que seja a

criança a fazer perguntas ou iniciar conversas, podendo dar ou não resposta às preocupações tácitas das crianças (Morawska, Walsh, Grabski & Fletcher, 2015; Stone, Ingham & Gibbins, 2013; Tye, 2015).

Os professores, por um lado, consideram que gostariam de receber formação específica na área da sexualidade, justificando que quanto melhor conhecerem o desenvolvimento sexual da criança, mais conforto sentirão na abordagem desta temática quer com as crianças, quer com os seus pais e outros agentes educativos (Counterman & Kirkwood, 2013; Wilson, Dalberth, Koo & Gard, 2010). Tye (2015) considera que seria preferível que os pais partilhassem honestamente o desconforto respondendo às interrogações da criança, e encorajando outras questões igualmente constrangedoras no futuro, já que se reagirem negativamente a uma pergunta de índole sexual podem impedir que o seu filho faça outras adicionais (Tye, 2015).

Ao longo do tempo, a investigação qualitativa e, especificamente, o *focus group* têm sido usados para explorar perspetivas e atitudes dos pais em relação à educação sexual dos filhos desde tenra idade, tal como é demonstrado em estudos desenvolvidos por Geasler, Dannison e Edlund (1995) que recorreram ao *focus group* para analisar as perceções de 28 pais de crianças sobre educação para a sexualidade. Averiguaram que as preocupações evidenciadas pelos pais prenderam-se com o momento para a implementação da educação sexual, a influência social na definição desse momento, o conforto na abordagem com os seus filhos mas não com outros, as diferenças de género, a expectativa em conseguirem ser mais eficazes do que os seus próprios pais no desempenho deste papel. Neste sentido, tem sido evidente uma discrepância entre a sua experiência enquanto filhos comparativamente com a experiência enquanto pais no que se refere à educação para a sexualidade.

Ballard e Gross (2009) conduziram quatro momentos de *focus group* com 25 pais com crianças de tenra idade para analisar as suas perspetivas relativamente à comunicação pais-filhos sobre sexualidade. Os resultados demonstram que estas sessões permitiram aos pais apresentarem as suas experiências e construírem um sistema de entreajuda.

À semelhança dos autores anteriormente citados, Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010) exploraram as atitudes e as experiências de 131 pais de crianças dos 10 e os 12 anos residentes em três cidades pertencentes a diferentes regiões dos EUA através da dinamização de 16 momentos de *focus group* acerca da comunicação pais-filhos sobre sexualidade. Constataram que, apesar de os pais concordarem que é importante falar com os filhos sobre sexualidade, existem barreiras primárias, nomeadamente a perceção de que os seus filhos são muito jovens e o desconhecimento face à melhor abordagem do tema. Além disso, consideram

que uma relação pais-filhos positiva facilita a tarefa ao permitir tirar partido das oportunidades de debate desde muito cedo na educação dos seus filhos. Por último, a intervenção encorajou o diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade, uma vez que permitiu aos pais aprofundar o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento sexual da criança e identificar estratégias complementares da abordagem desta temática.

Stone, Ingham e Gibbins (2013) dinamizaram sessões de discussão focalizada com pais de crianças entre os três e sete anos no Reino Unido. A análise de conteúdo evidenciou um número significativo de barreiras na comunicação pais-filhos acerca da sexualidade, tais como: a necessidade de proteger a “inocência” das crianças, a dificuldade em definir um tempo e idade mais indicados para fornecer informação sobre a temática, o desconforto pessoal e, o medo da crítica e do julgamento social.

Em síntese, ao longo do tempo e em diferentes países do mundo, é notória a controvérsia existente ao nível da educação para a sexualidade e para os afetos na primeira infância, quer ao nível do enquadramento legal, quer ao nível social, bem como nas preocupações e dificuldades manifestadas pelos progenitores que assumem um papel primário e fundamental nesta área. Neste sentido, a nossa investigação empírica, tendo subjacentes algumas das ideias anteriormente mencionadas, orienta-se para a identificação de dúvidas, estereótipos, medos, necessidades presentes nos discursos dos pais da nossa amostra, procurando analisar a influência destes elementos na sua prática educativa relativamente à sexualidade.

Projeto Manta dos Afetos

Com o intuito de abordar a educação para os afetos e a sexualidade através da articulação entre pais e escola na primeira infância, foi sendo construído o projeto Algodão Doce (GAF, 2015) adaptando-se as atividades aos seus interesses e de acordo com as suas apreciações. Este projeto de maior amplitude nasceu no Centro de Atendimento Psicossocial VIH/SIDA do Gabinete de Atendimento à Família (GAF), onde foram identificadas necessidades ao nível da promoção da saúde e prevenção da infeção por VIH e outras IST no concelho de Viana do Castelo tendo-se desenvolvido em parceria com a Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

No ano letivo 2014/2015, a um nível mais específico, o Projeto Manta dos Afetos foi implementado num grupo com crianças de quatro e cinco anos e seus pais. A ação decorreu no espaço educativo do pré-escolar, com uma amostra de dezoito crianças (onze raparigas e sete rapazes). A Manta dos Afetos tem os seguintes objetivos gerais:

- Proporcionar às crianças uma descoberta informada e responsável da sexualidade e dos afetos, quer individualmente, quer no grupo turma
- Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nas crianças e na família

Ao longo de quatro meses de implementação, entre março e junho de 2014, foram dinamizados 10 momentos de aprendizagem pela ação. Cada encontro correspondeu a um dia letivo de atividade - período entre as nove horas e as quinze horas e trinta minutos que, frequentemente, se estendeu por um período mais lato de tempo devido à consolidação de algumas atividades práticas com as crianças.

As diferentes abordagens realizadas incidiram sobre temáticas como a descoberta do corpo e o conhecimento de aspetos alusivos à anatomia humana, a identidade sexual - ser menino ou menina, perceção de semelhanças e diferenças e representações associadas ao género; conceito de família e tipologias; fenómenos da conceção, gestação e parto.

Neste processo as crianças foram as verdadeiras protagonistas, ou seja, após a discussão de cada temática com os pais, o educador de infância desenvolvia as temáticas com a equipa do projeto em contexto de sala de atividade, promovendo a participação das crianças. Foi ainda dada continuidade ao trabalho no ambiente familiar, através de propostas de realização de atividades entre pais e filhos que visavam fortalecer as vivências e saberes construídos no jardim-de-infância e, simultaneamente, dar conta aos pais dos conteúdos que iam sendo trabalhados no espaço escolar e de como estes eram abordados (Cunha, 2015).

De salientar que para efeitos do presente artigo apenas serão apresentados resultados relativos à intervenção com os pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos e que, simultaneamente, participaram no *Focus Group* com pais, não sendo possível aludir a toda a abrangência do projeto em causa.

Metodologia

Tendo por base o objetivo geral do presente estudo – aceder às perceções dos pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos - recorreu-se à metodologia de investigação qualitativa. Ao se penetrar o campo da subjetividade, a metodologia qualitativa permite explorar um leque diversificado de informações pertinentes e capturar perceções pessoais e sociais, entre linhas, pausas, expressões que apenas são perceptíveis em entrevistas, na observação e no contacto direto com o público-alvo. Desta forma permite encontrar significados, dando ênfase a todo o processo em detrimento dos resultados e da quantidade (Ribeiro, 2007), já que a sua maior preocupação se prende com o objeto de estudo,

procurando perceber a realidade através do ponto de vista dos envolvidos e assim atribuir sentido aos fenómenos (Neves, 1996).

Partindo do pressuposto que os objetivos são formas de orientar e nortear a fim de se alcançar o alvo da investigação (Randolph & Posner, 1992), é nossa pretensão neste capítulo analisar a pertinência da promoção da educação para os afetos e para a sexualidade na primeira infância.

Assim, procurou-se aceder às perceções dos pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos relativas:

- à comparação entre a educação sexual recebida dos seus progenitores e a prática educativa adotada com os filhos;
- ao papel que desempenham enquanto educadores principais dos seus filhos sobre a sexualidade desde os primeiros anos;
- às temáticas prioritárias a abordar com as crianças desde a primeira infância;
- às dificuldades sentidas na abordagem junto dos filhos;
- à pertinência da intervenção direta com as crianças de quatro e cinco anos que frequentam o pré-escolar, com o envolvimento efetivo dos pais.

As características referidas por Bogdan e Biklen (2007) foram seguidas nesta investigação qualitativa: privilegiou-se o ambiente natural para facilitar o diálogo e reforçar a ideia que as temáticas só são perceptíveis se forem recolhidas no local onde ocorrem. Neste sentido, quer as entrevistas semiestruturadas quer as sessões de *focus group* se realizaram no jardim-de-infância que os filhos frequentam. Por outro lado foi relevado o significado que os pais, individualmente e em grupo, atribuem às suas ações. Assim, o discurso ocupou o lugar central neste estudo. Os discursos proferidos pelos participantes foram recolhidos em suporte áudio durante a entrevista e em vídeo nas sessões de *focus group*, após obtenção do consentimento informado por escrito, tendo-lhe sido garantida a confidencialidade e a utilização exclusiva dos dados para a investigação. Além disso, conferiu-se maior enfoque ao processo do que ao resultado, seguindo-se uma estratégia indutiva. Por último, o conhecimento foi sendo construído em função dos relatos das experiências dos pais.

Procedimentos Metodológicos

Seguidamente, procuramos fazer uma breve caracterização da amostra, elucidando as razões que justificaram a opção por este tipo de procedimento.

Amostra

Procurando maximizar o conhecimento sobre a informação recolhida constituiu-se uma amostra aleatória, homogênea (exceto relativamente à variável género, reduzida representatividade do masculino) e representativa da população alvo do estudo.

Os critérios subjacentes à constituição da amostra do estudo foram os seguintes: pais de crianças de quatro e cinco anos de idade que frequentam o ensino pré-escolar no setor público; terem autorizado que os seus filhos participassem no projeto Manta dos Afetos como população alvo direta; terem manifestado interesse e preocupação com a educação dos seus filhos ao nível da temática da sexualidade. Estes sujeitos foram, ainda, escolhidos pela proximidade com a investigadora, ou seja, por conveniência (Dommermuth, 1975, citado por Ribeiro, 2007). Importa salientar que previamente à implementação realizou-se uma sessão de apresentação do projeto junto dos pais, tendo nove destes aderido ao projeto na sua totalidade.

De seguida é feita a caracterização dos pais que colaboraram no estudo, de acordo com o género, idade, formação de base, categoria profissional e número de filhos que compõem a fratria:

Quadro 1 - Caracterização dos participantes

<i>Participante</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Habilitações literárias</i>	<i>Profissão</i>	<i>Fratria</i>
E1	34	F	Licenciatura	Educadora de infância	1
E2	47	M	12ºano	Técnico de vendas	2
E3	46	F	Licenciatura	Comercial	2
E4	33	F	12ºano	Assistente operacional	1
E5	34	F	9ºano	Empregada Fabril	1
E6	37	F	12ºano	Chefe de secção	1
E7	30	F	Licenciatura	Empregada	1
E8	38	F	12ºano	Assistente técnica	2
E9	34	F	Licenciatura	Administrativa	1

Fonte: Parente 2015

A amostra incluiu nove pais – oito do sexo feminino e um sexo masculino, todos eles ativos profissionalmente, a exercerem funções em diferentes setores de atividade. Dos participantes, quatro completaram o ensino secundário, quatro frequentaram o ensino superior e um concluiu o terceiro ciclo. Quanto às idades dos entrevistados, estas oscilam entre os 30

¹ Os participantes são identificados como Entrevistados (E).

os 47 anos (média 37 anos). A maioria dos pais participantes tem um único filho, contudo para três, o filho que participou no projeto Manta dos Afetos é o mais novo.

Recolha Dos Dados

De referir que num primeiro momento para a elaboração do guião de entrevista e para a dinamização das sessões do *focus group*, realizou-se a revisão da literatura apresentada no Capítulo 1 tendo por base os objetivos de investigação e os dados até agora recolhidos no estudo mais amplo sobre educação para os afetos e sexualidade no pré-escolar intitulado Projeto Algodão Doce.

O presente estudo utilizou como instrumentos de recolha de dados: (1) a entrevista semiestruturada, com guião que permite a livre comunicação por parte dos entrevistados (Quivy & Campenhoudt, 1998), mas garante simultaneamente ao investigador a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos do estudo (Bodgan & Biklen, 2007). Este foi aplicado a quatro desses nove pais para recolha dos seus discursos sobre o seu envolvimento na intervenção que teve como público-alvo direto os seus filhos com quatro e cinco anos de idade, tendo cada entrevista demorado entre 14 e 33 minutos. Foi previamente realizado um pré-teste para validar o guião. E (2) o *focus group* que permite através da discussão focalizada em pequeno grupo, mediada pelo investigador, aceder às necessidades dos participantes relativamente às áreas de pesquisa de acordo com os objetivos do estudo, criando sinergias e orientação para ação futura dos mesmos.

No fundo, pela sua tradição dialética, o *focus group* pressupõe a construção de conhecimento em espaços de grupos de trabalho que, apesar de estruturados, facilitam o diálogo entre os pais, a obtenção de informação relevante num curto período de tempo relativamente à disponibilidade, às lacunas e às barreiras em educação parental. Isto porque o *focus group* permite que os pais se envolvam e contribuam para a definição de estratégias que resultem em sucesso (Hanson, 2011; Tipping, 1998).

No seguimento do acima mencionado, na dinamização das oito sessões com pais (120 minutos/sessão; quatro sessões por ano letivo) apostou-se no recurso a estratégias dinâmicas e participativas que aprofundassem a discussão, a saber: *brainstorming*, vídeos, imagens, jogos didáticos, histórias. Neste sentido, foram criados materiais atrativos e variados, bem como as condições para a sua replicação (elaboração de materiais específicos para cada grupo-alvo e do guia de implementação e página eletrónica do projeto).

Tratamento e Análise dos Resultados

De acordo com Bardin (1995), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que obrigam o investigador a partir de critérios que incidem sobre a organização interna do discurso. Desde modo, ao tratar-se de uma investigação de cariz descritivo e exploratório, a análise de conteúdo permite captar o sentido simbólico dos textos, reinterpretar as narrativas e compreender os significados atribuídos pelos participantes. Esta análise é composta por três fases: (1) a pré-análise ou de organização do material recolhido, momento em que, após a transcrição, se realiza uma leitura exaustiva dos discursos; a exploração do material que implica codificação e decomposição do material recolhido; o tratamento dos resultados que permite uma filtragem daquilo que realmente é importante para a investigação e passível de se transformar em categorias, pois a análise de conteúdo não é estanque e o processo de categorização permite separar elementos para depois organizá-los; (2) a inferência e (3) a interpretação (Bardin, 1995).

Posteriormente efetuou-se a transcrição integral dos discursos obtidos quer nas sessões de grupo quer nas entrevistas individuais. Após a transcrição procedeu-se à análise de conteúdo das narrativas que decorreu em função de uma exploração detalhada e analítica (fase de codificação). Este processo foi gradual e pouco linear, pautado por várias reformulações das Grelhas Categoriais e teve a frase como unidade de registo para a construção das categorias e subcategorias.

Análise e Discussão dos Resultados

De forma a tornar mais compreensíveis os dados recolhidos nos discursos dos pais, serão apresentadas as perspetivas comuns e as perspetivas divergentes dos participantes. A sequência dos tópicos na apresentação seguirá a estrutura da Grelha da Análise Categorical, resultante da análise das oito sessões de *focus group* e das quatro entrevistas realizadas, que será acompanhada de uma síntese reflexiva sobre os resultados encontrados, de acordo com as investigações e os temas abordados na fundamentação teórica deste estudo.

Tendo por base os objetivos do presente estudo, da análise do conteúdo dos discursos emergiram doze áreas temáticas, das quais se destacam as quatro que de seguida se apresentam. Estas no seu todo evidenciam dezasseis categorias gerais. Estas categorias incluem diferentes subcategorias que a seguir serão exploradas.

Quadro 2 – Grelha de Análise Categorial dos dados relativos aos discursos dos pais

ÁREA TEMÁTICA	CATEGORIA GERAL	CATEGORIA ESPECÍFICA
<i>Comparação entre a educação recebida pelos pais e o seu desempenho no papel parental nesta área</i>	. Comunicação entre os pais e os seus filhos	. maior abertura e equilíbrio na relação pais-filhos <hr/> . maior conhecimento acerca da temática da sexualidade <hr/> . maior partilha entre pai e mãe atualmente
	. Comunicação entre os pais e os seus progenitores	. práticas díspares entre pai e mãe no passado <hr/> . maior proximidade da mãe no passado
<i>Importância atribuída pela família à educação para a sexualidade desde o pré-escolar</i>	. Benefícios para a criança	. aumento da autoestima e autoconfiança <hr/> . assertividade nas relações
	. Benefícios para os pais	. capacidade de proteção pessoal <hr/> . ser eficaz na orientação dos filhos
	. Dificuldades sentidas pelos pais	. impacto dos media <hr/> . ausência de orientação prévia sobre a temática
<i>Assuntos relativos à educação para a sexualidade a abordar no pré-escolar</i>	. autoconhecimento e conhecimento do corpo	. comparação com sexo oposto <hr/> . masturbação
	. questões de género	
	. família e relações interpessoais	
	. valores e comportamentos sociais	. abuso sexual e outras agressões <hr/> . importância do NÃO
	. reprodução humana	
<i>Perspetivas sobre o projeto que visa a abordagem da sexualidade no pré-escolar</i>	. Abordagem da sexualidade nos 4/5 anos	. inadequada <hr/> . adequada
	. Sentimentos iniciais	. positivos <hr/> . negativos
	. Sentimentos após a implementação	. positivos <hr/> . negativos
	. Estrutura do projeto	.
	. Resultados alcançados com as crianças	. abertura e facilidade na comunicação <hr/> . aprendizagens efetuadas
	. Resultados alcançados com os pais/família	. fortalecimento de relações entre pais e com a escola <hr/> . antecipação de temas a abordar e atitudes a tomar no futuro com os filhos <hr/> . com a escola
	. Continuidade do projeto	. pertinência <hr/> . duração

-
- . intervenientes

 - . assuntos

 - . modalidade de implementação

 - . disseminação

 - . disponibilidade para participar
-

Fonte: Parente 2015

Relativamente à comparação que os participantes efetuaram entre a educação recebida dos seus progenitores e a que estão a proporcionar aos seus filhos (primeira área temática) mencionaram que é ao nível da comunicação (categoria geral) que encontram as maiores diferenças. Três dos participantes consideram que a relação que estabeleceram com os seus filhos é mais aberta e mais equilibrada do que a que mantinham com os seus progenitores como se pode constatar pelas narrativas que se seguem:

- E1: “ (...) vamos ter de falar/clarificar o quanto antes porque sei que não irei influenciá-la nas opções de vida”
- E3: “É muito importante estabelecer o limite entre o respeito e o exagero/à vontade.”
- E2: “Somos mais abertos agora do que antigamente”; “Não há receita, devemos lidar com cada situação do dia-a-dia. Se os pais demonstrarem respeito pelos filhos, eles também respeitarão os pais”; “A comunicação não se faz só pelo diálogo – Afeto, carinho com que lidamos com as coisas deles, jogar, falar sobre experiências de vida.”

Além disso, dois pais consideram que estão mais sensibilizados do que os seus progenitores para a importância de possuírem informação sustentada para garantir que a educação para a sexualidade dos seus filhos aconteça de forma satisfatória.

- E3: “Hoje temos outro tipo de conhecimento/informação para educar os filhos”. Contudo, nem sempre nos sentimos à vontade para abordar determinadas áreas (e.g. homossexualidade).”
- E4: “Importa respeitar as opções dos filhos (e.g. homossexualidade /orientação sexual).”

Quanto ao papel parental, dois pais defendem que é atualmente exercido de uma forma partilhada entre a mãe e o pai, sendo este último mais ativo pelo interesse manifestado na participação na prestação de cuidados aos filhos desde tenra idade, apesar de dois pais homens se mostrarem mais recatados no que toca à exposição do seu próprio corpo.

- E1: “Os pais homens fazem muitas coisas, dar banho, mudar fraldas também é comunicar”. Estão mais presentes do que os mais antigos”; “O meu marido também, mas é por ser uma menina”
- E6: O meu marido é mais resguardado com o filho.”

No que toca especificamente à abordagem da sexualidade, três participantes consideram que não receberam dos seus progenitores a orientação necessária, porém agora que detêm a responsabilidade de educar os seus filhos procuram adotar uma postura distinta. Em contrapartida, um afirma que os seus pais demonstram atualmente maior abertura até na

exposição do seu próprio corpo, no desempenho do papel enquanto avós.

E3: “Os avós levam-no com eles para o WC, mas comigo e com o meu irmão não fizeram isso; (...) Quando éramos jovens era tudo tapado.”

E2: “Aos 13 anos, o meu pai deu-me uma revista da Playboy – a mulher é aquilo – objeto pornografia.”

E6: “Escondia-me tudo! Eu já sou diferente com o meu filho.”

Por outro lado, a relação de três das mães com a progenitora era e, ainda hoje, é mais próxima e de grande cumplicidade.

E4: “Ainda hoje.”

E7: “Falava de tudo.”

E3: “Quando dei o meu primeiro beijo fui a correr contar-lhe.”

Os relatos acima apresentados corroboram os encontrados por Geasler, Dannison e Edlund (1995), principalmente no que toca à vontade de serem mais eficazes que os seus próprios pais no desempenho do papel parental ao nível da educação para a sexualidade. Além disso reforçam, tal como Sciaraffa e Randolph (2011), o impacto determinante do papel parental para o desenvolvimento da identidade e no comportamento sexual desde tenra idade.

No tocante à segunda área temática – Importância atribuída pela família à educação sexual desde o pré-escolar – surgiram três categorias gerais:

1. Benefícios para as crianças: consensualmente os nove participantes consideraram a promoção da autoestima e autoconfiança (*o corpo e o EU*); a assertividade nas relações (*respeito, amor, agir com naturalidade, abertura, sem preconceitos, igualdade, muito afeto, carinho*) e a capacidade de proteção pessoal (*não ceder a tabus, não ceder ao medo, proteção*).
2. Benefícios para os pais: a totalidade da amostra concorda que a educação para a sexualidade facilita a aquisição de conhecimento/informação para dar respostas corretas às questões levantadas pelos seus filhos contribuindo assim para que estes considerem que podem proporcionar em conformidade uma orientação mais eficaz aos mesmos no âmbito da sexualidade desde a sua primeira infância.
3. Dificuldades sentidas pelos pais: mais uma vez a totalidade da amostra considera que o impacto dos *media* é negativo ao nível da educação no geral e da abordagem da sexualidade em particular, dificultando o desempenho do papel parental de acordo com o preconizado pelos pais, tal como afirma o seguinte participante:

E2: “É complicado lidar com coisas que a TV traz e que não são tão frequentes no nosso quotidiano – por exemplo a homossexualidade. (...) é difícil controlar/gerir o que os filhos assistem na TV, os

programas são demasiado violentos, nem eu me sinto bem a vê- los.”

Além disso, uma outra dificuldade verbalizada por um dos participantes remete para os benefícios apontados relativamente aos pais, devido à total ausência de orientação prévia sobre a temática, conforme se pode constatar pelo discurso a seguir apresentado:

E6: “Surgiram-me muitas questões e dúvidas enquanto procurava explicar algo que ninguém me tinha explicado.”

Os dados apresentados anteriormente corroboram as conclusões Morawska, Walsh, Grabski e Fletcher (2015), de Stone, Ingham e Gibbins (2013) e, Tye (2015) por sublinharem a dificuldade em responder às crianças quando o assunto é a sexualidade, mostrando o seu desconforto. Paralelamente, vão ao encontro dos resultados obtidos por Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010) que consideram como benefício para os pais o seu envolvimento e o seu total agrado em colaborar no projeto de educação sexual no pré-escolar, apesar dos seus receios iniciais. Sublinharam os ganhos alcançados no que toca à abertura de diálogo e proximidade com os seus filhos e uma maior capacitação para abordar e tratar as questões da sexualidade e dos afetos.

A terceira área temática – Assuntos relativos à educação para a sexualidade a abordar no pré-escolar – inclui cinco categorias gerais relativas aos temas trabalhados no projeto quer com pais quer com as crianças, a saber: 1. autoconhecimento e conhecimento do corpo; 2. questões de género; 3. família e relações interpessoais; 4. valores e comportamentos sociais; 5. reprodução humana.

Relativamente à primeira categoria geral, a análise dos discursos dos participantes evidenciou dois assuntos a priorizar:

1.1 - a comparação com o sexo oposto - que espelha o à vontade sentido pelos participantes no que toca às necessidades manifestadas pelas crianças com quatro e cinco anos relativamente à constatação das diferenças corporais entre rapazes e raparigas/homem e mulher.

E1: “Em casa andamos à vontade, a minha filha está mais do que à vontade no lidar com a diferença na exposição corporal.”

E3: “O meu vê o corpo da irmã e diz que só queria ser como ela porque tem mais coisas à disposição (ganchos, roupa).”

E4: “É normal que as crianças queiram ver e perceber as diferenças.”

E6: “O meu filho até me coloca creme e sabe tão bem.”

1.2 - a masturbação - que segundo os participantes é uma questão delicada e algo

perturbadora que exige uma preparação prévia dos pais (que nem todos tiveram acesso) e, mesmo quando esta existiu, admitem que nem sempre é fácil gerir os seus impulsos e o impacto do quadro de referências pessoais, por isso sublinham a importância da participação no *focus group*.

- E1: “O meu primeiro impulso é dizer Não faças isso, mas depois penso Porquê impedir? e prefiro não valorizar. Tento controlar e pensar no mais adequado para o seu desenvolvimento. (...) Acompanhar o melhor que conseguirmos para os esclarecer, mesmo quando não temos conhecimento sobre o assunto, devemos procurar. Estas sessões têm sido muito úteis”, “Explicar em casa e não exacerbar”, “Sentir-se à vontade e reagir com naturalidade.”
- E2: “Não evoluímos assim tanto em relação ao toque da criança – Não mexas aí, olha que levas uma palmada! Ainda é uma realidade. Os antigos/avós fazem isso.”
- E3: “Eu desconhecia. É assustador.”
- E5: “O corpo é nosso e há partes que temos que resguardar, como os pais fazem. (...) Toque não frequente, não lhe disse nada, fiz de conta que não vi nada. (...) O que importa é saber o que é normal. Eu gostei de ouvir, porque agora se acontecer aos meus, não ficaria sem saber o que fazer.”

A segunda categoria geral - questões de género - os pais defendem a igualdade de género, contudo, salientam algumas preocupações com o efeito do estigma relativamente a algumas opções menos sexistas que os seus filhos podem tomar.

- E1: “Se ela gostar eu não me vou opor, embora o futebol não me seduz mas se ela se sentir feliz tudo bem.”
- E2: “Explicamos diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino. (...). O futebol pode ser praticado por mulheres como pelos homens e não faz das mulheres menos femininas.”
- E9: “Acho que não há mais bailarinos porque têm medo de serem gozados (...) Para mim o que conta é querer e gostar, porque vejo muitas crianças que praticam certas modalidades por moda. A filha de X anda, também tem que andar, mesmo que não goste.”

A análise dos discursos dos participantes evidencia a tipologia familiar e as relações interpessoais (categoria geral três), tal como se pode constatar através dos discursos que abaixo se apresentam:

- E3: “Explicar/falar sobre nós, dá-lhes segurança (...). Não têm que se sentir pressionados pelo amigo ter feito. (...) diferentes tipos de família de hoje em dia e a discriminação que há em relação a algumas, por exemplo: pai com pai, mãe com mãe.”

No que respeita à quarta categoria geral - valores e comportamentos sociais - emergiram da análise de conteúdo das narrativas dos participantes duas subcategorias: abuso sexual e outras agressões (E2 referindo-se ao crime abuso sexual de crianças: “A maldade está nos adultos, não é nas crianças”) e, a importância do estabelecimento de limites em função dos valores defendidos pelos pais:

- E1: “Eles precisam de um NÃO, de limites. (...) Se ele quiser alguma coisa e eu não gostar terei que lhe explicar as vantagens e desvantagens e dar-lhe oportunidade de experimentar e depois decidir.”

- E2: “(...) pais mais permissivos (não obrigam, deixam a criança aprender com os próprios erros – por exemplo: a filha Tom Cruise) versus pais mais assertivos.”
- E3: “Os afetos fazem-nos iguais e a maldade faz-nos diferentes (...) crianças imitam comportamentos e atitudes dos adultos – espelho do que se passa em casa. Daí a importância atribuída aos valores.”

Por último a quinta categoria geral - reprodução humana - na opinião unânime dos pais, todos os assuntos abordados são muito pertinentes, todavia, a tónica foi colocada no desenvolvimento dos tópicos “*Família e relações pessoais*” e “*Reprodução humana*” (75% dos entrevistados):

- E4: “(...) como é que nascem os bebés, como é que os bebés são feitos,... isto é muito bonito.”

Para Anastácio (2010) e Sciaraffa e Randolph (2011) trata-se de alguma insegurança e desconforto dos pais em abordar questões que escapam ao seu conhecimento técnico e científico, não reconhecendo o momento adequado para tratar estes assuntos, nem sabendo a melhor forma de os abordar (Anastácio, 2010).

A quarta área temática – Perspetivas sobre o projeto que visa a abordagem da sexualidade no pré-escolar – inclui sete categorias gerais, a saber:

4.1. Abordagem da sexualidade aos quatro e cinco anos: os resultados evidenciam, de forma expressiva, a pertinência de uma abordagem da educação para a sexualidade desde o pré-escolar e a adequação da sua implementação nesta faixa etária:

- E1: “É um projeto essencial para a construção de uma base para a educação para a sexualidade (...) apercebi-me também que alguns dos assuntos abordados são já trabalhados com crianças desta idade, mas não os encarava nesta perspetiva.”
- E2: “Gostei da implementação em tenra idade, sou a favor disso. Foi uma mais valia a minha filha passar por uma experiência nesta tenra idade para terem conhecimento da sexualidade.”
- E4: “Tem de ser (...) quanto mais cedo melhor. Causa alguma estranheza, mas lá está, tem de haver informação.”

No seguimento do acima exposto e no entendimento dos pais, esta intervenção ganha sentido a partir da idade pré-escolar, sendo um período sensível para a construção e formação pessoal e social, na qual se inscreve a vertente da educação para os afetos e sexualidade (Marques et al., 2002), tarefa reconhecida e preconizada nos documentos reguladores da organização curricular, como são as OCEPE. É reforçada a posição de que tal intervenção deve contemplar uma ação articulada entre escola-família/pais, usufruindo do clima favorável ao diálogo e à interação que é criado entre educadores e pais de crianças neste nível etário (Marques, 2001):

- E1: “A família e os pais foram envolvidos de forma muito positiva com o trabalho desenvolvido na escola.”

E3: “(...) importante continuar com crianças e com pais: os dois em sintonia têm um efeito a cem por cento.”

4.2. Sentimentos iniciais: os pais reconhecem os constrangimentos iniciais e denunciam os receios que à partida sentiram, quer no que toca ao trabalho de *focus group* para pais, quer ao nível da implementação do projeto com os filhos:

E1: “(...) mas ao mesmo tempo, estava apreensiva pela incerteza do que poderia ser este projeto.”

E3: “(...) havia algum receio e até do que iríamos falar, que perguntas é que poderão sair, como vai ser este tema tratado... alguma insegurança, desconforto sinceramente.”

E4: “A primeira reação foi pânico! Ai meu Deus, o que vão falar aqui, o que vão dizer aos nossos meninos, como é que vão explicar.”

4.3. Sentimentos após a implementação: após a implementação, os primeiros sentimentos despem-se dessa roupagem, uma vez que uma das vantagens da metodologia de *focus group* prende-se com a manifestação da opinião dos atores, o que facilita a compreensão das suas relações sociais em diferentes contextos onde elas acontecem:

E1: “Os pais que participaram nas reuniões foram sem dúvida uns privilegiados. Fico extremamente feliz por ter participado neste projeto.”

E3: “Sinto-me a nível pessoal muito enriquecida com tudo isto e só tenho a agradecer por ter participado num projeto desta grandiosidade.”

E4: “Depois (...) Acho que foi a melhor coisa que pode acontecer (...) Superou, era tudo novidade, adoramos!”

4.4. Estrutura do projeto: os participantes aludem à estrutura do projeto emitindo alguns pareceres positivos quanto à conceção e planeamento do trabalho:

E1: “Este projeto foi concebido de forma muito organizada, bem pensada e fundamentada.”

E3: “Acho que foi muito bem conduzido: muito bem começado, foi bem planeado e muito bem terminado.”

E4: “(...) acho que as histórias e as conversas eram muito à maneira deles e eles entusiasmavam-se e entravam nas conversas.”

4.5. Resultados alcançados com as crianças: a maioria dos entrevistados refere que as suas crianças conquistaram uma maior abertura e naturalidade para falar, perguntar e procurar entender certas questões que colocam aos pais e para as quais gostam de obter resposta e esclarecimento. Tal como foi constatado por Marques, esse questionamento e forte curiosidade pelo saber são naturais nas crianças desta idade (Marques et al., 2002):

E1: “(...) falava com muita naturalidade e respeito.”

E2: “Para a (nome da criança) não ter vergonha de perguntar isto ou aquilo sobre sexualidade.”

E3: “ (...) porque a criança chega a casa, faz a pergunta e nós já estamos com capacidade de resposta.”

Mencionam ainda o alargamento dos conhecimentos nesta área, permitindo um maior esclarecimento e vontade de saber mais sobre os assuntos no âmbito da sexualidade. Neste âmbito importa recordar Marques, Vilar e Forreta (2002) que sublinham o quanto é importante que na fase do pré-escolar as crianças construam a sua própria identidade, através do melhor conhecimento do seu corpo, da reflexão das representações sociais de género, do valor dos afetos e do entendimento dos mecanismos da reprodução humana (Marques et al., 2002):

E1: “ As crianças falavam sobre o que iam aprendendo.”

E2: “(...) ter conhecimentos da sua sexualidade.”

E4: “ Foi muito positivo porque o (nome da criança) já sabe explicar coisas próprias da sua idade e se um adulto lhe fizer uma pergunta, um conhecido, ele responde e sabe muito bem aquilo que diz, absorveu tudo muito bem.”

4.6. Resultados alcançados com os pais-filhos: os pais participantes no *Focus Group* sublinham ainda as vantagens significativas que obtiveram ao longo do trabalho, designadamente ao nível das aprendizagens conquistadas, tendo contribuído para uma informação e formação mais adequadas:

E1: “(...) ouvir opiniões diferentes da nossa é fundamental, para percebermos que não existem verdades absolutas e que não existe uma única perspetiva ou forma de lidar com determinada situação.”

E3: “(...) havia coisas que eu nunca tinha ouvido falar, ligadas à situação da droga.”

E4: “Até nós adultos aprendemos muito.”

Referem a necessidade urgente de formação específica na área e a libertação do desconforto nessas matérias para assegurar um maior *empowerment* (Counterman & Kirkhood, 2013) e a desconstrução de alguns preconceitos herdados de um passado e de uma tradição, com vista a uma melhor compreensão e execução do seu papel parental, tal como proposto por Tye (2015):

E3: “ Faço sobressair a informação adquirida para dar resposta a tipos de situação que vão aparecendo no dia a dia.”

E2: “Veio para libertar um bocado os pais dos tabus que vêm do passado (...) é uma coisa que se tem de falar, não guardar para si ou esconder. É aí que se começa e os pais que tiveram este projeto estão mais desenvolvidos neste tema do que antes.”

Consideram ainda terem ganho competências científicas e comunicativas e uma preparação antecipada que reverterão numa maior capacitação em lidar com certos assuntos

que poderão surgir ao longo do processo de desenvolvimento dos seus filhos, que é corroborado pelas conclusões de Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010):

- E1: “ Determinados pontos falados nas reuniões, como por exemplo as doenças sexualmente transmissíveis e as drogas, ainda não surgiram nas conversas com ela, mas considero que a partilha de opiniões e toda a fundamentação apresentada pelas monitoras serviram para me esclarecer e preparar para quando essa fase chegar.”
- E3: “(...) porque se nós tivermos essa informação, se estivermos sensibilizados para as situações de uma forma mais forte, nós dizemos *Alto, tenho de falar com o meu filho, eu tenho de lhe explicar (...)* eu não teria respostas tão assertivas como tenho agora.”
- E4: “ Estão sempre a aparecer coisas novas e nós temos de estar sempre informados para informar os nossos filhos sobre o que pode acontecer.”

O fortalecimento das relações interpessoais e o reforço da interação escola-família são outros dos benefícios apontados com esta metodologia de investigação, tendo contribuído para a construção de um sentimento de pertença a um grupo e criação de uma rede social de apoio, tal como constatado por Ballard e Gross (2009). Através da interação e coconstrução, as experiências adquiridas ganham novo significado e oferecem uma base de sustentação para o exercício e a vivência de uma parentalidade positiva:

- E1: “(...) o diálogo entre nós foi tão fluido, interessante e de uma partilha tão profunda que, sem nos darmos conta, tanto nos ajudou. Juntos debatemos temas que de certa forma eram constrangedores, mas a afinidade e cumplicidade que criamos desde cedo quebrou a vergonha. (...) e a escola criou meios que facilitaram o papel dos pais na abordagem destes assuntos.”
- E3: “(...) passamos ali momentos maravilhosos, era realmente incrível, onde estávamos à vontade para expor as nossas ideias, para falarmos até de experiências vividas... falámos de uma forma que toda a gente se sentiu bem, foram momentos únicos que vamos guardá-los com muito carinho.”
- E4: “(...) aquele grupinho era tão unido, aquele grupo foi de amigos.”

No fundo, os discursos dos participantes enfatizam o clima de abertura e bem-estar que vivenciaram, favorável à reflexão e à expressão de sentimentos:

- E3: “(...) foi conduzido de forma acolhedora, tão simples, mas ao mesmo tempo tão tocante nos temas que foram abordados, foi marcante.”
- E4: “(...) houve abertura, falamos ali sem tabus... sentimo-nos bem, o espaço era acolhedor, era tudo muito acolhedor.”

4.7. Continuidade do projeto: por todos os aspetos já mencionados, os pais não hesitam em defender a continuidade do projeto até aos 10 anos ou prolongado até à adolescência (a OMS considera a adolescência como o “período considerado entre os 10-19 anos, referindo que esta faixa etária abrange o tempo do início da puberdade até à idade legal da maioridade” (WHO, 1986, p. 11).

- E1: “(...) este projeto deve continuar, se possível até aos 10 anos.”

E2: “(...) deve ser implementado sempre (...) as crianças têm sempre dúvidas, os jovens têm sempre dúvidas (...) aí até aos 18 anos.”

Recomendam uma abordagem dos assuntos de forma mais aprofundada, numa perspetiva de currículo em espiral, retomando os tópicos com um maior grau de complexidade e ajustados ao nível etário, interesses e necessidades dos sujeitos (Ostermann & Cavalcanti, 2010):

E1: “(...) dar continuidade aos assuntos, ajustando-os à faixa etária durante o crescimento das crianças.”

E3: “Teria de ser um trabalho diferente, com um nível mais exigente para a idade das crianças.”

Um dos pais sugere mesmo a criação de uma área disciplinar que contemple a educação para a sexualidade numa perspetiva integrada da Cidadania:

E2: “Acho que devia ser uma disciplina, uma área sobre cidadania e sexualidade.”

A satisfação patente em todos os intervenientes justifica a vontade dos pais na continuidade do projeto e na sua disponibilidade para manterem a participação no mesmo, legitimando a sua disseminação noutros estabelecimentos e a outros públicos:

E4: “Vamos continuar! Fazer a caminhada juntos outra vez, isto não pode terminar!”

E1: “(...) envolver toda a comunidade escolar num projeto comum.”

Conclusão

A título de conclusão importa mencionar que os resultados obtidos com o estudo piloto foram positivos e sublinham a pertinência desta intervenção junto dos intervenientes principais na educação infantil (escola-família), incluindo as próprias crianças.

Com o intuito de melhor explicar alguns dos resultados alcançados importa referir que os objetivos traçados para o projeto Manta dos Afetos foram alcançados, ressaltando nas crianças: a melhor aceitação do Eu e do Outro (respeito pela diferença, autoestima e autoconfiança), o fortalecimento das relações, o incremento dos conhecimentos, a mudança conceptual significativa e o enriquecimento do leque vocabular.

No tocante aos pais, as sessões de discussão focalizada fomentaram a partilha de experiências criando-se uma base relacional positiva e empática, desenvolveu-se um sistema de entreajuda e identificaram-se estratégias mais adequadas e eficazes para falar com os seus filhos sobre a sexualidade e tudo o que ela implica ao longo do processo de desenvolvimento destes últimos. Isto porque os pais estão conscientes da importância de falar com os filhos sobre questões sexuais, olhando para o contexto em que o comportamento sexual ocorre e enfrentando com naturalidade as questões "inocentes" colocadas pelos seus filhos, tendo-se assim desvanecido o receio inicial sobre a precocidade da abordagem. Admitem ainda sentir desconforto, falta de informação e medo da crítica social mas, em simultâneo, mostram interesse em se envolverem em ações que os ajudem a ultrapassar os sentimentos negativos e os preconceitos, porque acreditam que, em conformidade, irão conseguir desempenhar de forma mais positiva, assertiva e eficaz o seu papel parental. Neste sentido, consideram ter sido um privilégio participar neste projeto e concordam com os assuntos debatidos, atribuindo maior destaque à prevenção do abuso sexual, às manifestações sexuais das crianças e à promoção da autoestima e da imagem corporal positiva.

De acordo com o anteriormente mencionado, constitui um objetivo a desenvolver no futuro a promoção do conceito de "*Jardins de Infância amigos da Família*" através da formação de técnicos e educadores e da *criação de guiões de implementação e de materiais* para a intervenção com pais, crianças e educadores, contribuindo para a disseminação do projeto de educação parental referido.

Nota final: este trabalho foi submetido e aceite para publicação na Revista Internacional de Educacion Preescolar e Infantil (Cunha, Parente & Santos, 2015c). Artigo no prelo.

**CAPÍTULO III - MANTA DOS AFETOS: UMA ABORDAGEM DOS AFETOS E
SEXUALIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

MANTA DOS AFETOS: UMA ABORDAGEM DOS AFETOS E SEXUALIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A vivência da sexualidade é inerente ao indivíduo e tem início bem antes do seu nascimento, ainda na vida intra-uterina (ME-GTES, 2007), acompanhando o Ser Humano durante toda a sua vida. Partindo desse pressuposto, a educação sexual (ES), sendo um processo contínuo e inconcluso, requer a ação e o contributo de todos os parceiros, numa perspetiva participativa e articulada.

Em Portugal, as diretrizes emanadas pela tutela consideram a escola como espaço privilegiado para uma “abordagem formal, estruturada, intencional e adequada, de um conjunto de questões relacionadas com a sexualidade humana” (Ministério da Educação, Ministério da Saúde, APF, & CAN, 2000, p. 26), sendo de realçar um maior envolvimento das escolas e o esforço dos professores para a promoção de atividades neste âmbito nos últimos anos (Vilar & Ferreira, 2009) .

Todavia importa sublinhar que o enquadramento legal vigente, que preconiza e regulamenta a Educação Sexual em meio escolar, contempla apenas a sua implementação desde o ensino básico e nos níveis subsequentes, sendo gritante a lacuna legal que exclui a educação pré-escolar deste processo, negligenciando um nível de educação que é tomado como “primeira etapa da educação básica” como sublinha a Lei-quadro da Educação Pré-escolar (Portugal. Lei nº5/97). Este hiato não deve obstar à abordagem de uma educação para os afetos e para a sexualidade, mas antes constituir um aliciante desafio, ao ser encarada como uma janela de oportunidades para a promoção de uma vivência com significado positivo.

O documento *Health for all in the 21st century*, publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca o papel relevante dos educadores - desde o pré-escolar até ao ensino superior – e o seu “contributo para o desenvolvimento dos indivíduos e no incremento de valores, conhecimentos e competências em matéria de promoção da Saúde” (WHO, 1999, p. 155). São apontadas metas muito claras no que toca aos vários níveis de educação, concretamente na educação pré-escolar, que em 2015, pelo menos 50% das crianças dessa faixa etária tenham a oportunidade de frequentar estabelecimentos de ensino Promotores de Saúde.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar propõem a Área de Formação Pessoal e Social como área integradora e transversal do processo educativo. Esta sublinha algumas vertentes, entre as quais há a destacar a educação para os valores (procura do bem próprio e bem coletivo), a educação multicultural (educação para a aceitação da diferença e

promoção da igualdade de oportunidades) e para a cidadania, onde se inscreve a abordagem da educação sexual e para a saúde.

Neste domínio pretende-se contribuir para a formação consciente e responsável da criança com vista à adoção de comportamentos e escolhas de vida saudáveis. É neste entendimento que é preconizada a educação sexual e para os afetos desde a idade pré-escolar, tirando partido da proximidade relacional e de um clima aberto ao diálogo que é manifesto entre escola e família neste nível etário (Marques, 2001). Na Europa, os programas de educação sexual mais abrangentes e que demonstram maior eficácia são desenvolvidos nos países nórdicos e do Benelux (Bélgica, Holanda, Luxemburgo), destacando a Holanda onde a implementação se inicia aos quatro anos de idade, com enfoque nos aspetos do conhecimento do corpo, autoimagem e relações interpessoais conforme o programa *Relationships & Sexuality* (Beaumont & Maguire, 2013) e sendo de carácter obrigatório a partir dos cinco/seis anos em países como a Bélgica Luxemburgo, Suécia, França e Irlanda (IPPF, 2006).

Método

Apresentação do Projeto: Objetivos; Estrutura e Aspetos Metodológicos

O Projeto Algodão Doce nasceu como fruto de uma reflexão acerca da situação epidemiológica do VIH/SIDA em Portugal, por uma equipa multidisciplinar, em Viana do Castelo. Constatando-se que o diagnóstico tardio da infeção é uma realidade ainda por ultrapassar no nosso país, é essencial apostar na sensibilização para as consequências daquele junto dos que têm responsabilidade na educação o mais precocemente possível – educadores de infância e pais.

O referido projeto teve como populações alvo os educadores de infância, os pais e as crianças com aproximadamente cinco anos de idade que frequentam o pré-escolar. Relativamente à intervenção com as crianças, implementou-se a Manta dos Afetos, que espelhava a vontade e o esforço para implementar a educação para a sexualidade e os afetos com crianças da primeira infância, com a colaboração direta das famílias, como parceiros privilegiados neste projeto.

Este foi desenvolvido, no espaço educativo do pré-escolar, com uma amostra de dezoito crianças integrantes de um grupo-turma (onze raparigas e sete rapazes), sendo que treze tinham cinco anos de idade e os restantes elementos apenas quatro. Mais se acrescenta que do grupo, quinze crianças frequentavam o jardim-de-infância pela segunda ou terceira vez, ao passo que três faziam a sua primeira experiência neste estabelecimento de educação.

De ressaltar que a participação das crianças no presente estudo foi autorizada pelos pais através de consentimento informado, por escrito, garantindo a confidencialidade e uso exclusivo dos dados para a investigação.

A equipa educativa era constituída pela educadora responsável pela turma, por uma assistente operacional e duas estagiárias do Mestrado em Educação Pré-escolar. Esta ação contou também com a estreita colaboração e parceria das dezoito famílias, das quais dez eram famílias nucleares, cinco com a responsabilidade parental exercida apenas pela progenitora (o pai estava ausente no estrangeiro por motivos de trabalho) e três eram monoparentais femininas. A Manta dos Afetos tinha os seguintes objetivos gerais (já referidos na página 23):

- Proporcionar às crianças uma descoberta informada e responsável da sexualidade e dos afetos, quer individualmente, quer no grupo turma
- Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nas crianças e na família

Com o intuito de orientar a operacionalização do projeto traçaram-se objetivos específicos, nomeadamente:

- ♦ Ampliar e aprofundar conhecimentos sobre o seu corpo, a sua identidade sexual, o significado afetivo da família e tipologias familiares, os fenómenos básicos da reprodução humana
- ♦ Promover atitudes de respeito e de aceitação de Si e do Outro
- ♦ Fomentar atitudes de tolerância e de valorização das expressões de afeto na família e no grupo de amigos
- ♦ Estimular a reflexão sobre os papéis de género
- ♦ Promover a clarificação de conceitos e a adoção de atitudes não discriminatórias
- ♦ Incrementar competências para expressar e partilhar ideias, emoções e sentimentos
- ♦ Promover a aquisição de competências de comunicação verbal
- ♦ Desenvolver competências para agir com autonomia e assertividade em diversos contextos de sociabilidade

Tendo como premissa base que as crianças desta idade constroem relações interpessoais de grande intensidade, a proliferação destas relações é responsável por certas conquistas, designadamente a compreensão do sentido de grupo, um maior controlo emocional, a manifestação de maior autonomia, capacidade de iniciativa e emergência de lideranças (Hohmann & Weikart, 1997). Paralelamente, surge a interação lúdica como um caminho facilitador da tomada de consciência de si própria na relação com o outro, incluindo a descoberta do corpo.

A construção do conhecimento decorre de uma forte curiosidade e desejo de saber, que se corporiza na imensidão de questões que levantam, na busca de soluções para as suas inquietações, na compreensão de certos fenómenos do quotidiano, na formulação de hipóteses perante o observável.

É um período de forte apetência para as competências comunicativas, pois a criança gosta de se expressar oralmente, de utilizar a linguagem para comunicar ideias, vivências, sentimentos, emoções, receios, desejos (Marques et al., 2002). Neste sentido, importa sublinhar que foram tidos em atenção os interesses e as necessidades intrínsecas das crianças desta faixa etária, numa perspetiva de currículo em espiral, ou seja, qualquer tópico ou conteúdo pode ser abordado em qualquer idade e retomado ao longo do percurso de aprendizagem com outro nível de profundidade e grau de complexidade (Ostermann & Cavalcanti, 2010).

As diferentes abordagens realizadas incidiram sobre temáticas como a descoberta do corpo e o conhecimento de aspetos alusivos à anatomia humana, a identidade sexual: ser menino ou menina, perceção de semelhanças e diferenças e as representações associadas ao género; conceito de família e tipologias; os fenómenos da conceção, gestação e parto. Estes conteúdos foram trabalhados durante dez encontros, entre março e junho de 2014, cada um com a duração de um dia letivo (período entre as nove horas e as quinze horas e trinta minutos). Todavia, salienta-se o facto do desenvolvimento e consolidação de algumas atividades práticas se terem estendido por um período mais lato de tempo.

O modelo de intervenção educativa, configurado na pedagogia em participação, privilegiou a aprendizagem pela ação, tomando a criança como “autora e coconstrutora do seu conhecimento” e adotando “práticas de aprendizagem cooperada” (Figueiredo, Morais, & Garcia, 2005, p. 3019).

Relativamente à metodologia de programação de atividades adotamos processos de aprendizagem assentes em estratégias dinâmicas, com recurso a propostas ativas e participativas. Foi enfatizada a vertente lúdica, tirando partido da atividade do *brincar*, a fim de proporcionar momentos de intencionalidade educativa cheios de significado para a criança (Brito & Santos, 2012). Foram construídos materiais manipuláveis e exploratórios para o projeto (dois bonecos silhueta: o menino Yuri e a menina Kali) e criados alguns recursos específicos para cada uma das abordagens (jogos, histórias, ilustrações), que potenciassem a concretização das tarefas e suscitassem o envolvimento das crianças, de maneira que estas tivessem uma “experiência de aprendizagem profunda, motivada, intensa e duradora” (Laevers, 1994, citado por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004, p. 86).

Os conhecimentos prévios que as crianças utilizam para interpretar a realidade foram o ponto de partida para a aprendizagem. Ao longo do processo, os saberes de partida (“*o que nós já sabemos*”) ganharam nova forma, reconstruíram-se, aproximando-se cada vez mais do conhecimento científico. Neste sentido, cada momento de intervenção com as crianças tinha como ponto de partida a narração de uma história, em que os protagonistas (Yuri e Kali) traziam alguma vivência, episódio do quotidiano ou situação de conflito.

Os personagens apelavam à participação das crianças do grupo, envolviam-nas na trama e propunham a construção de um desenlace para a história.

No primeiro momento, os “anfitriões” desafiaram as crianças a descobrirem o corpo do Yuri e da Kali e, através da experimentação, os bonecos foram despidos e vestidos. O grupo nomeou as diferentes partes do corpo, descobrindo a terminologia correta, inclusivamente os genitais. As crianças, em pares, fizeram descobertas entre si com recurso ao espelho vertical da sala, observando-se, tocando-se e registando características físicas de cada um (exemplo, cor dos olhos e do cabelo, tipo de cabelo, estatura, formato do corpo). Abordou-se a importância dos cuidados pessoais com o nosso corpo e discutiram-se alguns fatores de proteção e de risco (Frade, Marques, Alverca, & Vilar, 2009; Morales & Guijarro, 2003).

A identidade sexual “Ser menino ou menina” e as representações associadas ao género foram os conteúdos trabalhados no segundo momento de intervenção. Numa perspetiva comparativa relativamente ao género, foram abordados os seguintes aspetos: as cores, os brinquedos, o vestuário, calçado e acessórios, as profissões. No seguimento e tendo em atenção a sua função pedagógica, as crianças construíram uma Loja de Brinquedos não sexista com uma nova organização e disposição (Fernández & Sanchez, 2009; Rights, 2004).

A abordagem da família, conceito e tipologias, foram o enfoque da terceira sessão, procurando-se conhecer os vários tipos de situação familiar, identificando a própria. Além disso, foi construída uma rede de significados imbricados ao conceito chave e partilharam-se ideias sobre sentimentos como a amizade e o amor. Refletiu-se ainda sobre o significado de “amar...” e “ser amado por...”, permitindo que cada criança revelasse as pessoas que amava e por quem se sentia amada (Ferreira & Salvaterra, 2004; Louro, 2012).

O momento quatro centrou-se nos fenómenos do começo da vida, explorando-se a conceção, a gestação e o parto. Assim, realizaram-se em grupo, pesquisas bibliográficas na biblioteca da escola. De realçar que em especial nesta sessão contou-se com a colaboração solícita de alguns pais: uma mãe grávida e um casal que partilharam na sala de atividade a sua experiência relacionada com o momento da gravidez e do parto (Lamblin, Faller, & Roederer, 2003; Matos, 2006; Winston, 2004).

Todas as atividades tiveram em consideração contextos e recursos significativos, com propostas que fizessem sentido para a criança, constituindo experiências de fruição pela aprendizagem. Revestiram-se ainda de um caráter integrador, isto é, potenciaram o desenvolvimento de competências de outras áreas e domínios, como sejam a expressão plástica, a comunicação verbal, a abordagem à escrita e à matemática, o conhecimento do mundo, com maior incidência nas competências da formação pessoal e social.

No decurso da implementação com as crianças foram apresentadas tarefas para pais e filhos, para serem concretizadas em contexto familiar. Com estas pretendia-se reforçar e consolidar as vivências e aprendizagens feitas no jardim-de-infância. Além disso, pretendia-se dar conta aos pais dos conteúdos que iam sendo tratados no espaço escolar e da forma como estes eram abordados.

A par destas propostas, as crianças, uma vez por semana, escolhiam um objeto pertencente ao Yuri e à Kali que levavam para casa como recurso para motivar e intensificar o diálogo entre a criança e os pais sobre assuntos ligados à sexualidade e aos afetos. Estas propostas de trabalho consistiram na realização de uma simples ficha de identificação da criança “Quem sou eu”, na experimentação de um jogo digital (jogo das diferenças de género), na medição dos elementos da nossa família (Palmo a palmo... conheço a minha família), na partilha de um registo fotográfico documentando um momento familiar marcante e na criação de uma poesia dedicada à criança, com uma breve narrativa do seu nascimento.

Este trabalho circunscreve-se numa perspetiva de investigação qualitativa-interpretativa, reconhecendo três características fundamentais neste estudo apontadas por Jacob: a investigação ocorre num cenário natural, as perspetivas dos participantes são tidas em linha de conta e as questões do estudo emergem no desenvolvimento da própria investigação (Jacob, 1998). Por outro lado, este tipo de investigação torna-se “acessível, não simplesmente porque está escrito numa linguagem dirigida não apenas a especialistas, mas também porque, em vez de encarar os educadores de infância como sujeitos da investigação, privilegia as interpretações desses mesmos educadores” (Walsh, Tobin & Graue, 2002, p. 1040).

As técnicas de recolha de dados utilizadas foram essencialmente a análise documental e observação participante. Os dados coligidos basearam-se nos registos gráficos das crianças e nas suas produções que compõem o portefólio de avaliação das crianças (Hohmann & Weikart, 1997), tendo sido dada prioridade a estas fontes de informação, subsidiadas pelos registos áudio, vídeo e fotográficos e algumas notas de campo. Relativamente aos pais, optou-se pelo recurso à entrevista semiestruturada para obter as suas narrativas acerca da pertinência do trabalho desenvolvido com os seus filhos.

Quadro 3: Organigrama da implementação do Projeto Manta dos Afetos

ABORDAGENS	MOMENTOS PROGRAMADOS E DURAÇÃO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
DESCOBERTA DO CORPO	2 momentos → 10 horas de atividade	<p>Apresentação dos “amigos” Yuri e Kali</p> <p>Narração da história de Yuri e Kali (parte 1) – Proposta de um desfecho</p> <p>Descoberta do corpo do Yuri e Kali: Despir e vestir; jogo de identificação das partes do corpo</p> <p>Trabalho exploratório ao espelho e registo das descobertas</p> <p>Registo matemático relacionado com a face: “Quantos temos?”</p> <p>Pintura individual “O nosso corpo”</p>
IDENTIDADE: SER MENINO E MENINA GÊNERO E REPRESENTAÇÕES	2 momentos → 10 horas de atividade	<p>Narração da história de Yuri e Kali (parte 2) - Proposta de uma solução</p> <p>Brainstorming: diferenças entre meninos e meninas</p> <p>Jogo de troca de brinquedos – Tabela das emoções</p> <p>Criação de uma Loja de Brinquedos (não sexista): construção da loja, eleição para atribuição do seu nome, escolha do critério para organização</p> <p>Jogo dos disparates “Os sapatos para o Yuri e a Kali”</p> <p>Registo gráfico “As profissões: para quem?”</p>
FAMÍLIA, TIPOLOGIAS E SENTIMENTOS	3 momentos → 15 horas de atividade	<p>Narração e exploração do livro “As famílias não são todas iguais”</p> <p>Gravação áudio “A minha família”</p> <p>Construção do “Quadro da minha família”</p> <p>Brainstorming “O que é preciso para haver família...”; construção de um mapa conceptual e do Jardim da Família (sentimentos alusivos)</p> <p>Apresentação e divulgação da Manta dos Afetos em colaboração com as famílias</p> <p>Realização de um baralho de cartas “As pessoas que nós amamos”</p>
REPRODUÇÃO HUMANA: CONCEÇÃO, GESTAÇÃO, NASCIMENTO	3 momentos → 15 horas de atividade	<p>Narração da história do Yuri e da Kali (parte 3)</p> <p>História digital “Como aparecem os bebés?”; registo das ideias prévias “O que me aconteceu quando estava na barriga da mamã?”</p> <p>Visita de uma mãe grávida: diálogo e contacto táctil com a barriga da mãe</p> <p>Apresentação da história “O João vai ter um irmão...”; visita de um casal para falar da experiência do nascimento da filha</p> <p>Construção de um porta-documentos para cada criança; elaboração de medalhas para as famílias</p> <p>Encontro para partilha de objetos pessoais do seu nascimento; elaboração de uma poesia</p>

Fonte: Cunha 2015

Resultados

Análise de Dados

A análise documental permitiu verificar que as crianças adquiriram novas aprendizagens, designadamente sobre o conhecimento do corpo e da sua anatomia, conceito e tipologias de famílias, fenómenos da reprodução, gestação e nascimento. Existiu ainda um alargamento do léxico ativo (terminologia nova adquirida ao longo do projeto, a exemplo: *pénis e vagina, família de acolhimento, instituições, adoção, cordão umbilical, parto, mamífero*) e ampliação de saberes ao nível do Conhecimento do Mundo² (estilos e costumes da vida familiar; fenómenos da vida social como as atividades profissionais, o lazer, a moda; reconhecimento dos fatores de proteção e cuidados pessoais com o corpo; começo da vida). Também se produziu uma mudança conceptual significativa e com maior rigor científico, pois na avaliação geral do projeto as crianças corroboram a ideia de que aprenderam muitas coisas “*que as famílias são todas diferentes, que há famílias que vão a instituições buscar filhos, como crescem e nascem os bebés, alguns nomes verdadeiros para partes do corpo, descobrimos o nosso corpo, que há profissões que podem ser “nossas” (homens) e de mulheres...*”. Todavia a maioria das crianças referiram como descobertas mais marcantes a designação dos genitais (seis crianças do grupo) e a gestação e nascimento dos bebés (onze crianças).

A clarificação de conceitos foi outra das conquistas do projeto, uma vez que as crianças primeiramente refletiram, partilharam ideias e analisaram em grupo noções como Família, Igualdade, Amor, que posteriormente plasmaram nos trabalhos plásticos que produziram. Este despontar de novas ideias foi reforçado com o contributo dos pais e através das atividades propostas para realização no contexto familiar.

A par da análise dos documentos produzidos pelas crianças, a observação participante e os registos audiovisuais foram recursos de suma importância, que possibilitaram obter conhecimento decorrente da interação entre o investigador e o grupo alvo de investigação. Tais técnicas de recolha de dados têm o privilégio de colocar o investigador no seio da ação e tirar vantagem da proximidade que estabelece com o grupo de estudo, conhecendo a contextualização da ação (Souza, Kantorski, & Villar, 2011).

Verificamos, portanto, que as crianças evidenciavam no término do projeto melhores competências sociais que se traduziram em atitudes de maior participação na vida do grupo e

² Esta área integra-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender os *porquês*, proporcionando-lhe diversas oportunidades de contactar com novas situações de descoberta e de exploração do mundo que a rodeia (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, Ministério da Educação, 1997)

de grande envolvimento nas atividades. Conquistaram uma consciência mais forte de si, do seu corpo e da sua identidade e conseqüentemente a sua autoestima ficou mais reforçada. As relações interpessoais que estabeleciam entre pares ficaram mais vincadas e partilhavam com maior espontaneidade as suas ideias e emoções. A coesão no grupo das crianças cresceu, esbatendo-se um pouco a existência dos pequenos grupos por influência de gênero, as suas brincadeiras tornaram-se mais partilhadas e os momentos de interação envolveram-se de cumplicidade. A proximidade relacional com os adultos da sala também se intensificou, retratando-se no espírito de abertura e diálogo que se estabeleceu e no clima de confiança que se vivenciou.

A educação para a cidadania esteve implícita e explícita ao longo de todo o projeto, enfatizando os valores da tolerância, equidade e paridade entre sexos e promovendo a abolição de preconceitos e o combate face a atitudes de discriminação. Houve um grande enfoque na partilha e questionamento de ideias, que muitas vezes não foram consensuais, designadamente no que se refere à abordagem das representações sociais de gênero, pois grande parte dos rapazes (cinco) não aceitava que meninos usassem sapatinhos cor-de-rosa, com lacinhos ou outros adereços. Os restantes rapazes (dois) afirmavam que não viam qualquer inconveniente, desde que não tivessem de ser eles próprios a usar. Debates semelhantes existiram, ricos e sem constrangimentos, donde sobressaiu sempre o princípio da valorização de todas as posições, do respeito pelo Outro e do direito à diferença.

Os resultados evidenciados permitiram também concluir que os materiais pedagógicos criados intencionalmente para o projeto (os personagens Yuri e Kali e os seus objetos pessoais) foram adjuvantes de toda a ação desenvolvida, contribuindo para a construção de conhecimento, além do caráter lúdico e afetivo de que se revestiram.

As crianças entusiasmavam-se sempre que o Yuri e a Kali chegavam à sala e ansiavam pelo dia negociado para levar os seus pertences para casa (às sextas feiras), gerando-se uma relação de familiaridade entre os bonecos-mediadores e as próprias crianças.

Quanto ao envolvimento dos pais, não foi possível inferir a qualidade da sua participação no projeto, no entanto os pais aderentes manifestaram através de entrevista o seu total agrado em colaborar no mesmo, apesar dos seus receios iniciais, conforme resultados apresentados no artigo anterior. Sublinharam os ganhos alcançados no que toca à abertura de diálogo e proximidade com os seus filhos e uma maior capacitação para abordar e tratar as questões da sexualidade e dos afetos.

Conclusão

A educação sexual, no que se refere à sua promoção e desenvolvimento em meio escolar, encontra sustentação legal, quer num quadro jurídico nacional, quer internacional, sendo condição indispensável para se alcançar o bem-estar e a saúde. O seu desenvolvimento em contexto formal assume contornos de carácter intencional e estruturado, cuja trama educativa se desenrola a partir do primeiro ciclo. A evidência empírica enfatiza as vantagens da intervenção em idades mais precoces, pelo que se procurou explorar a pertinência da sua implementação desde o pré-escolar, tirando partido das oportunidades e desafios em contexto de sala de atividade e aceitando este repto como um investimento educativo positivo e exequível. O desenvolvimento do projeto representou uma novidade para as crianças, que se sentiram verdadeiras protagonistas na ação, tendo estas vivido com grande satisfação e prazer todas as conquistas realizadas, desejando aprender mais, para ser e fazer melhor.

Simultaneamente, este projeto constituiu uma experiência gratificante para os pais, que revelaram surpresa com os resultados alcançados e admitiram que a mesma superou as suas expectativas e preocupações iniciais. Além disso, sublinharam como vantagem a destacar a oportunidade de estreitar relações quer com a equipa educativa, quer com outros pais, devido a esta abordagem de educação sexual ter acontecido numa ação conjunta com a escola. Ao nível dos educadores de infância, o projeto contribuiu para a revalidação da importância do papel desempenhado, alargando perspectivas e melhorando a sua prática autorreflexiva.

Importa ainda apresentar as limitações do presente estudo. A primeira prende-se com o fator tempo, pois tendo em consideração a diversidade e a complexidade das temáticas a abordar se considera que os quatro meses de implementação foram insuficientes. Por outro lado, a participação dos pais não foi muito consistente no que toca às atividades de consolidação em casa, principalmente quando as tarefas apresentadas envolveram questões associadas às representações sociais de género. Também se pode considerar como limitação o facto de o estudo ter sido desenvolvido no contexto de trabalho da investigadora, dada a proximidade afetiva e envolvimento emocional com os participantes do estudo, apesar do esforço realizado no sentido de atuar com neutralidade e de todo o cuidado e isenção na análise dos dados e sua interpretação.

Para terminar apresenta-se como proposta para continuação de intervenção, a disseminação do projeto “Manta dos Afetos” junto de outros estabelecimentos de educação pré-escolar, dando a oportunidade aos docentes de obterem orientação na prática nesta área de intervenção.

Nota final: este trabalho foi submetido e aceite para publicação nas Atas do XIII Congresso Galego-Português de Psicopedagogia (Cunha, Parente & Santos, 2015b)

CONCLUSÃO

No término deste trabalho importa revisitar as intenções deste estudo, lembrando os seus objetivos e o itinerário percorrido.

A revisão da literatura permitiu-nos entender a relevância da educação para a sexualidade e os afetos num quadro de educação e promoção para a saúde, sendo um investimento para a conquista de atitudes responsáveis e assunção de comportamentos saudáveis no futuro. Os teóricos reconhecem que a educação para os afetos ocorre primordialmente no círculo familiar, sendo a escola o espaço formal para o exercício da educação sexual (ES), complementando a função da família (Anastácio, Carvalho & Clément, 2005; Carvalho, 2008; Marques, Vilar e Forreta, 2002).

A abordagem da ES é recomendada o mais precocemente possível, atendendo às características desenvolvimentais das crianças desta idade e às oportunidades e vivências educativas favoráveis no contexto da educação pré-escolar. Apontam benefícios no que toca à sua implementação enquanto fruto de um processo construído entre docentes e famílias.

A análise de alguns documentos produzidos por organizações internacionais forneceu-nos um certo número de orientações que norteiam a aplicação da ES em meio escolar em alguns países do mundo, apresentando algumas evidências quanto ao desenvolvimento desses programas. Destaca-se o quadro legal português existente nesta matéria, que embora demarque uma vontade política face à abordagem escolar da ES nem sempre se traduz num real compromisso das escolas nesse domínio.

A parte empírica do trabalho procurou verificar a importância e o impacto da implementação de um projeto de educação para a sexualidade em contexto pré-escolar, concebido para um grupo-turma de crianças com quatro e cinco anos e desenvolvido com o envolvimento e colaboração das famílias. Após o período determinado para a implementação aferiram-se quais os contributos e mudanças produzidas ao nível dos conhecimentos, atitudes e competências junto das crianças. Foi ainda possível inferir sobre a adequação do processo de implementação do projeto e respetivos recursos implicados.

Em relação à esfera de conhecimentos alcançados pelas crianças, o trabalho contribuiu para o reconhecimento das características físicas individuais e aceitação/respeito pelo nosso corpo, a compreensão da igualdade de género, o entendimento dos fenómenos da reprodução, gestação e nascimento e a perceção de várias tipologias de estrutura familiar e dos valores associados a esta instituição social, enfatizando a posição de Re (2007). Em concomitância,

outras aprendizagens foram concretizadas, designadamente no domínio da linguagem oral, da expressão plástica e do conhecimento do mundo.

Ao nível das atitudes, o estudo contribuiu para uma melhor aceitação de si, do seu corpo e do outro, uma conquista de maior tolerância e respeito pelo outro e na aceitação da diferença e na apropriação de um novo olhar face às questões de género, como um primeiro passo para uma atitude não discriminatória (Cortesão, Silva, & Torres, 2005; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2005).

Também no domínio das competências se produziram mudanças, espelhadas ao nível das relações interpessoais (entre pares e com os adultos), da comunicação, da tomada de decisões e escolhas, da demonstração e partilha de emoções (Anastácio, Carvalho, & Clément, 2005; Maia, 2010) validando a aposta da WHO (1999) em matéria de educação para a saúde.

Quanto ao projeto e forma de execução e aplicação, a metodologia marcada pelo seu carácter ativo, dinâmico e participativo tornou as crianças protagonistas e construtoras da ação e concorreu ainda para um maior envolvimento e motivação das mesmas (Martins, 2005). As temáticas trabalhadas responderam aos naturais interesses e questionamentos manifestados nesta faixa etária (Lahaye & Lahaye, 1998; Ming Pao, 2000, citados por Lai, 2005). Por sua vez, os materiais criados intencionalmente para as abordagens coadjuvaram a própria ação e possibilitaram a aprendizagem através do brincar (Brito & Santos, 2012).

A interação família-escola redundou numa parceria assente na comunicação, no interesse e envolvimento, tendo a escola promovido e encorajado as famílias para a colaboração em tarefas e desafios práticos e, tendo as famílias envidado esforços para corresponder de forma satisfatória, entroncando numa abordagem mais positiva e eficaz da ES (Ministério da Educação, Ministério da Saúde, APF, & CAN, 2000). A abertura de diálogo e a proximidade com os filhos, o reforço dos laços de confiança, um maior esclarecimento sobre as temáticas, a naturalidade para abordar as questões da sexualidade e dos afetos e uma capacitação para promover a educação sexual em contexto familiar foram ganhos traduzidos pelos pais, participantes do Projeto, dissipando os seus receios e minimizando algum desconforto previamente existente (Anastácio, 2010; Sciaraffa & Randolph, 2011).

Com efeito, podemos constatar a exequibilidade de projetos no âmbito da educação sexual e para os afetos na educação pré-escolar e verificar a pertinência e eficácia da sua implementação desde tenra idade, garantindo a vantagem da sua aplicação quer para as crianças, quer para os pais. A própria instituição escolar retira benefícios dessas experiências,

pois cedo está a concorrer para uma abordagem compreensiva da promoção da Saúde, operacionalizando o conceito de Escolas Promotoras de Saúde (WHO, 1999).

O estudo demonstrou que é possível e viável desenvolver tais projetos em contexto educativo de pré-escolar, apesar de subsistirem algumas limitações inerentes ao estudo. Uma diz respeito ao envolvimento pessoal e afetivo do investigador com as crianças da amostra, o que de certa forma poderá ter interferido na análise objetiva do estudo. Outra limitação prende-se com a amostra das crianças que fazem parte da turma de um jardim de infância da rede pública (18) e dos pais participantes no *Focus Group* (9). O tamanho da amostra sendo restrita não permite traduzir uma realidade mais abrangente e os resultados não podem ser generalizados a outros contextos ou representar a população em causa.

Como recomendação, seria enriquecedor a nível nacional uma partilha de conhecimentos em termos de investigação na área da educação de infância, concretamente no que toca à implementação da educação sexual e dos afetos. Seria ainda relevante a replicação do Projeto Algodão Doce noutros estabelecimentos de educação pré-escolar (públicos, privados e IPSS) em diferentes áreas geográficas a nível regional e nacional no formato aplicado (crianças-educadores-famílias) e com o mesmo desenho metodológico, com o intuito de averiguar a receptividade dos pais e crianças, bem como a adequação do mesmo em termos comparativos (urbano *versus* rural; interior *versus* litoral).

BIBLIOGRAFIA

- Alves, M. G. (2010). Aprendizagem ao longo da vida: entre a novidade e a reprodução de velhas desigualdades. *Revista Portuguesa de Educação*, 23(1), 22.
- Anastácio, Z. (2010). Educar para a sexualidade saudável: quem e que contributos? Paper presented at II Congresso de Pedagogia – Sexualidade e Educação para a Felicidade (p. 17), Braga.
- Anastácio, Z., Carvalho, G., & Clément, P. (2005). *Concepções dos professores de 1º CEB sobre o contributo da Educação Sexual para a promoção da saúde e sua relação com a formação*. Paper presented at the 2º Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, Braga.
- Anastácio, Z., Carvalho, G., & Clément, P. (2008). *Portuguese Primary School Teachers' Conceptions and Obstacles to Sex Education in Classroom*. Paper presented at the Conference of European Researchers in Didactics of Biology (ERIDOB), Londres.
- Aquino, C., & Martelli, A. C. (2012). *Escola e educação sexual: uma relação necessária*. Paper presented at the IX Seminário ANPED SUL- Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Rio Grande do Sul.
- Assunção, M. S. (2011). *Escola e Sexualidade - uma nova orientação educativa*. (PhD Thesis), Universidade Portucalense, Porto.
- Ballard, S. M., & Gross, K. H. (2009). Exploring Parental Perspectives on Parent-Child Sexual Communication. *American Journal of Sexuality Education*, Vol. 4, No. 1, 40-57. doi:10.1080/15546120902733141
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- Beaumont, K., & Maguire, M. (2013). *Policies for Sexuality Education in the European Union*. Brussels: European Parliament
Disponível em [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/note/join/2013/462515/IPOL-FEMM_NT\(2013\)462515_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/note/join/2013/462515/IPOL-FEMM_NT(2013)462515_EN.pdf).
- Bodgan, R., & Biklen, S. (2007). *Qualitative research for education. An introduction to theories and methods*. 5ª Edição. Boston. Pearson.
- Brandão, M. T., & Craveirinha, F. P. (2011). Redes de apoio em famílias multiculturais, acompanhadas no âmbito da intervenção precoce: um estudo exploratório. *Análise Psicológica*. 29(1). 27-45.
- Brito, A. U., & Santos, M. L. (2012). *O brincar na Pedagogia em participação*. Paper presented at the II Congresso Internacional de Educação Infantil (pp. 1-14), São Paulo.
Disponível em http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11438.pdf.
- Carvalho, C. S. (2008). *Guia da Educação da Sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã.

- Cortês, I., Silva, M. A., & Torres, M. A. (2005). *Educação para uma Sexualidade Humanizada - Guia para Professores e Pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Counterman, L., & Kirkwood, D. (2013). Understanding Healthy Sexuality Development in Young Children. *Voices of Practitioners Vol.8*, No. 2
- Cunha, C. (Producer). (2015). Educação para os afetos no pré-escolar (vídeo). Disponível em <https://youtu.be/9nCDDYWXc18>
- Cunha, C., Parente, C., & Santos, L. (2015a). Perspetivas de educação para a sexualidade e os afetos no pré-escolar. *Revista Investigar em Educação (SPCE)*. Manuscrito não publicado.
- Cunha, C., Parente, C., & Santos, L. (2015b). Manta dos Afetos: uma abordagem dos afetos e sexualidade na primeira infância. *Paper presented at the XIII Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogia*. Corunha.
- Cunha, C., Parente, C., & Santos, L. (no prelo). Educação sexual e para os afetos no pré-escolar: narrativas dos pais. *Revista Internacional de Educacion Preescolar e Infantil*. Madrid. Cedido pelos autores
- Delors, J. (1998). *Educação, um tesouro a descobrir* (UNESCO Ed.). Brasília: Edições ASA/Cortez.
- Drago, R., & Rodrigues, P. (2009). Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões. *Revista FACEVV*, 3, 49-56. Disponível em <http://www.facevv.edu.br/Revista>
- Duarte, A., Veloso, L., Sebastião, J., & Marques, J. (2012). *Os Focus Group dinâmicos na sociologia da educação: virtudes e potencialidades*. Paper presented at the VII Congresso Português de Sociologia, Porto.
- Fernández, G. T., & Sanchez, M. C. (2009). *2.Coeducación* (pp. 78). Disponível em <http://www.oei.es/genero/documentos/niveles/Educacion Infantil/Coeducacion en EI infantil.pdf>.
- Ferreira, S. A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração...: Adopção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 22(2), 399-411. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v22n12/v22n12a08.pdf>.
- Figueiredo, M., Morais, S., & Garcia, J. (2005). "Para aprender é preciso pensar": diálogos sobre a aprendizagem com crianças de cinco anos. Paper presented at the VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia (pp. 3039-3050), Braga. Disponível em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/361.pdf>.
- Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientações para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, 20(1), 187-208.
- Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. (2009). *Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores*. Disponível em <https://educacaosexualidade.files.wordpress.com/2011/12/educac3a7c3a3o-sexual-na-escola-guia-para-professores-formadores-e-educadores.pdf>.

- GAF. (2015). *Projeto Algodão Doce*. Retrieved from 3 de agosto de 2015 do site <http://www.gaf.pt/projetos//algodaodoce/pt>
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o "focus group" como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.
- Geasler, M. J., Dannison, L., & Edlund, C.J. (1995). Sexuality Education of Young Children: Parental Concerns. *Family Relations*, Vol.44, No. 2, pp. 184-188.
- Gomes, M. R. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília.
- Guerra, M. S. (2001). La escuela que aprende, 12. Disponível em <http://www.plandecenal.edu.co>.
- Hanson, B. (2011). Parenting Education Access & Barriers Parent Focus Groups Report. Prevent Child Abuse New York NYS. *Parenting Education Partnership Coordinator*
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- IPPF, E. N. (2006). *Sexuality Education in Europe: a reference guide to policies and practices*. Brussels: Wendy Knerr. Disponível em <http://www.ippfen.org/Resources/Publications?page=1>.
- Jacob, E. (1998). Clarifying Qualitative Research: a Focus on Traditions. *Educational Researcher*, 17(1), 16-24. doi:10.3102/0013189X017001016
- Kakavoulis, A. (2001). Family and Sex Education: a survey of parental attitudes. *Sex Education*, Vol. 1, No. 2, 163-174. doi:10.1080/14681810120052588
- Knowles, J. (2012). Sex Education in the United States. New York: McCormick Library, Planned Parenthood Federation of America. Disponível em https://www.plannedparenthood.org/files/3713/9611/7930/Sex_Ed_in_the_US.pdf.
- Kumpfer, K. L., & Alvarado, R. (2003). Family strengthening approaches for the prevention of youth problem behaviors. *American Psychologist*, Vol. 58, pp. 457-465. doi: 10.1037/0003-066X.58.6-7.457
- Ladd, G. W., & Coleman, C. (2002). As relações entre pares na infância: formas, características e funções, In B. Spodek (org). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 119-166). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lai, Y. C. (2004). Teachers' Perceptions of Teaching Sex Education in Hong Kong Preschools: a pilot study. *Paper presented at the AARE Annual Conference*, Melbourne, Australia.
- Lai, Y. C. (2005). An Exploratory Study of Parents' Perceptions of Teaching Sex Education in Hong Kong Preschools. *Paper presented at the AARE Annual Conference*, Parramatta, Australia.
- Lamblin, C., Faller, R., & Roederer, C. (2003). *A mãe do Miguel está à espera de bebé* (1ª ed.). Lisboa: Porto Editora.

- Louro, C. F. (2012). *Os maus tratos a crianças: representações das crianças sobre a família e o risco psicossocial*. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5009>.
- Maia, A. C. (2010). Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. *Revista de Psicopedagogia on line*, 10. Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br>.
- Marinho, S., Anastácio, Z., & Carvalho, G. (2011). Desenvolvimento e implementação de Projectos de Educação Sexual - análise das dimensões biológica, psicológica e social da sexualidade (pp. 1-24). Braga: Instituto de Educação - Universidade do Minho.
- Marques, A. M., Vilar, D., & Forreta, F. (2002). *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar - um guia para Educadores e Formadores* (1ª ed. Vol. 23). Lisboa: Texto Editores.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença
- Martins, M. C. (2005). A promoção da saúde: percursos e paradigmas. *Revista de Saúde Amato Lusitano*, nº 22, 42-46.
- Matos, J. (2006). *O sexo contado aos pequenos*. Porto: Nova Variante.
- Matos, M. G., Reis, M., Ramiro, L., Borile, M., Berner, H., Vásquez, S., . . . Aventura Social, E. (2009). Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10, 149-158.
- McKay, A. (2010). *Sexual Health Education in the Schools: questions and answers*. Toronto: SIECCAN.
- ME-GTES. (2007). *Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual*. Lisboa: Disponível em www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/relatorio_final_gtes.pdf
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação, Ministério da Saúde, APF, & CAN. (2000). *Educação sexual em meio escolar: Linhas orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação e Ministério da Saúde.
- Morales, G. H., & Guijarro, C. J. (2003). *La educación sexual de la primera infancia: guía para madres, padres y profesorado de educación infantil* (Vol. 155). Espanha: Ministério de Educación, Cultura y Deporte.
- Morawska, A., Walsh, A., Grabski, M., & Fletcher, R. (2015). Parental confidence and preferences for communicating with their child about sexuality. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, Vol.15, No.3, pp. 235-248. DOI:10.1080/14681811.2014.996213
- Morgan, D. L. (2010). Reconsidering the role of interaction in analysing and reporting focus group. *Qualitative Health Research*, 20, 718-722. doi: 10.1177/1049732310364627
- Nelas, P. (2010). *Educação sexual em contexto escolar: uma intervenção contra a vulnerabilidade na vivência da sexualidade adolescente*. (PhD Thesis), Universidade de Aveiro, Aveiro.

- Neves, J. (1996). Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisas em administração, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.
- Nóvoa, A. (2014) *Apostar na Educação para reinventar Portugal/Interviewer: J. d. L. Educação*. Medipress.
- Oliveira, M. C. (2010). *Relação família-escola e participação dos pais*. (Dissertação de Mestrado), Instituto Superior de Educação e Trabalho, Porto, Portugal.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2004). O envolvimento da criança na aprendizagem: Construindo o direito de participação. *Análise Psicológica*, 22(1), 81-93. doi: 10.14417/ap.132
- O'Connor, T., & Scott, S.B. (2006). *Parenting and outcomes for children*. York, UK: Joseph Rowntree Foundation.
- Ostermann, F., & Cavalcanti, C. (2010). *Teorias de aprendizagem* (pp. 40). Disponível em http://www.ufrgs.br/uab/informacoes/publicacoes/materiais-de-fisica-para-educacao-asica/teorias_de_aprendizagem_fisica.pdf.
- Pedrosa, E. P. (2011). La educación sexual en la etapa infantil. *CENoposiciones*, nº 10, 38. Disponível em http://cenoposiciones.com/docs/files/2011_edinfantil_10_13.pdf website: www.cenoposiciones.com/docs
- Pequegnat, W., & Szapocznik, J. (2000). *Working with families in the era of HIV/AIDS*. London: Sage Publications, Inc. Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Pereira, D., & Alarcão, M. (2014). “Parentalidade minimamente adequada”: contributos para a operacionalização do conceito. *Análise Psicológica*. 32(2). 157-171.
- Portugal. Despacho nº 2506/2007 de 20 de Fevereiro de 2007. *Diário da República nº 36 – II Série* (pp. 4427). Lisboa: Ministério da Educação.
- Portugal. Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro de 1997. *Diário da República nº 34/97 - I Série A* (pp. 670). Lisboa: Assembleia da República.
- Portugal. Lei nº 60/2009 de 6 de agosto de 2009. *Diário da República, nº 151- I Série A* (pp. 5097). Lisboa: Assembleia da República.
- Portugal. Portaria nº 196-A/2010 de 9 de abril de 2010. *Diário da República, nº 69, Série I* (pp. 1170). Lisboa: Ministérios da Saúde e da Educação.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Randolph, W. A., & Posner, B. Z. (1992). *Planeamento e Gestão de Projectos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Re, M. I. (2007). *Educação Sexual na Infância (Um desafio possível)*. Buenos Aires: Ediba Europa.
- Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de Investigação em psicologia e saúde* Porto: Legis Editora.
- Rights, U. N. (2004). Human Rights Topics for Upper Primary and Lower and Senior Secondary School. In U. N. Publication (Ed.), *ABC - Teaching Human Rights*:

- Practical activities for primary and secondary schools Human Rights Education Series (Vol. 4, pp. 27). New York and Geneva. Disponível em <http://www.ohchr.org/EN/PublicationsResources/Pages/TrainingEducation.aspx>.
- Rocha, A., Correia, C., Pestana, L., Bento, M., Preto, O., & Lobão, S. (2011). Saúde Escolar em construção: que projetos? *Millenium*. 41. 25
- Rodrigues, C. M. (2012). Prática de ensino supervisionada - Mestrado em ensino do 1º e 2º ciclo do ensino básico. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Disponível em <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/1326/1/PEB%20-%20Celina%20Maria%20P%20Rodrigues.pdf>.
- Sampaio, D., Baptista, M. I., Matos, M. G., & Silva, M. (2005). Relatório Preliminar - Grupo de Trabalho para a Educação Sexual. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sánchez, F. L. (2012). Educación sexual en la familia y la escuela. *ELO - Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 63-74.
- Schindhlem, V. G. (2011). A sexualidade na educação infantil. *Revista Aleph Infâncias*, n° 16, 1-17. Disponível em <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>.
- Sciaraffa, M., & Randolph, T. (2011). “You want me to talk to children about what?” Responding to the subject of sexuality development in young children. *Young Children*, 66, 32–38.
- Serra, C. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1º ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Serrão, D. (2012). Educar a sexualidade ou educar para a sexualidade. *ELO - Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 75-82.
- SIECUS. (2004). Guidelines for Comprehensive Sexuality Education: kindergarten through 12 Th grade (3ª ed., pp. 112). Washington: Sexuality Information and Education Council of United States.
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.
- Silva, S., Matos, J. C., & Correia, J. (2010). Dialogicidade da Educação: possibilidade de intervenção consciente da realidade. *Saber & educar (edição em linha)*, n° 15, 8. Disponível em <http://revista.esepf.pt/>
- Siraj-Blatchford, I. (2004). Critérios para determinar a qualidade na aprendizagem das crianças entre os três e os seis anos. In I. Siraj-Blatchford (org), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância* (pp. 10-20). Lisboa: Texto Editora.
- Souza, J., Kantorski, L., & Villar, M. L. (2011). Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. *Revista Baiana de Enfermagem*, 25(2), 8. Disponível em http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/analise_documental_e_observacao_participante_na_pesquisa_em_saude_mental.pdf.
- Stone, N., Ingham, R., & Gibbins, K. (2013). “Where do babies come from?” Barriers to early sexuality communication between parents and young children. *Sex Education*:

Sexuality, Society and Learning, Vol.13, No.2, pp. 228-240.
doi:10.1080/14681811.2012.737776

- Tipping, J. (1998). Focus groups: A method of needs assessment. *Journal of Continuing Education in the Health Professions*. Vol. 18, No 3, pp. 150-154. doi: 10.1002/chp.1340180304
- Tye, M. (2015). Sex Education, Pleasure, Pregnancy, and Disease Prevention [Ch Part A: Childhood and Adolescence]. *Sexuality and Our Diversity: Integrating Culture with the Biopsychosocial, Vol. 1.0* Flat World Education, Inc
- UNESCO. (2010). Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade - uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Retirado em 26-dez-2013
- Vilar, D. (2005). A educação sexual faz sentido no actual contexto de mudança? *Educação Sexual em Rede, n° 1*, 8-15.
- Vilar, D., & Ferreira, P. M. (2009). A educação sexual dos jovens portugueses-conhecimentos e fontes. *Revista Educação Sexual em Rede, n° 5*, 2-54. Disponível em <http://www.apf.pt/?area=002&mid=004&sid=004>.
- Walsh, D., Tobin, J., & Graue, M. (2002). A voz interpretativa: investigação qualitativa em educação de infância, In B. Spodek (org). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 1037-1066). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Walsh, J., & Mitchell, A. (2011). Catching on Early - Sexuality Education for Victorian Primary Schools. Disponível em <http://education.vic.gov.au/studentlearning/teachingresources/health/sexuality/>
- WHO. (1986). *Young People's Health - a challenge for society : report of a WHO Study Group on Young People and "Health for All by the Year 2000"*. Geneva. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>
- WHO. (1999). Health 21: the health for all policy framework for the WHO European Region. Disponível em <http://www.euro.who.int/en/publications/abstracts/health21-the-health-for-all-policy-framework-for-the-who-european-region>.
- WHO. (2006). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002*. Geneva. Disponível em http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf.
- Wieder, S., & Greenspan, S. (2002). A base emocional da aprendizagem. In B. Spodek (org), *Manual de investigação em educação de infância* (pp. 167-190). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wilson, E.K., Dalberth, B., Koo, H., & Gard, J.C. (2010). Parents' Perspectives on talking to preteenage children about sex. *Perspetives on Sexual and Reproductive Health*, Vol.42, No. 1, pp. 56-63. doi:10.1363/4205610
- Winston, R. (2004). *Porque sou o que sou?* Porto: Editora Civilização.
- Zapiain, J. G. (2000). Educación afectivo sexual. *Anuario de Sexologia, n° 6*, 41-56.

FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1
Cronograma das implementações
Projeto Manta dos Afetos

Dias	Horas	Temáticas
26 março	Manhã/tarde	Descoberta do nosso corpo
27 março	Manhã/tarde	
5 maio	Manhã/tarde	Género e representações
6 maio	Manhã/tarde	
19 maio	Manhã/tarde	Conceito de família + afetos (amor, proteção, segurança)+ tipologias
20 maio		
21 maio		
3 junho	Manhã/tarde	Reprodução humana (concepção, gestação, nascimento)
4 junho		
5 junho		
10 momentos	50 Horas *	

*a estas horas acrescentam-se outras não contabilizadas, que dizem respeito à concretização de tarefas de ordem prática, no respeito pelo ritmo de trabalho e de aprendizagem de cada criança do grupo.

FIGURA 2
Planificação em teia (*Manta dos Afetos*)

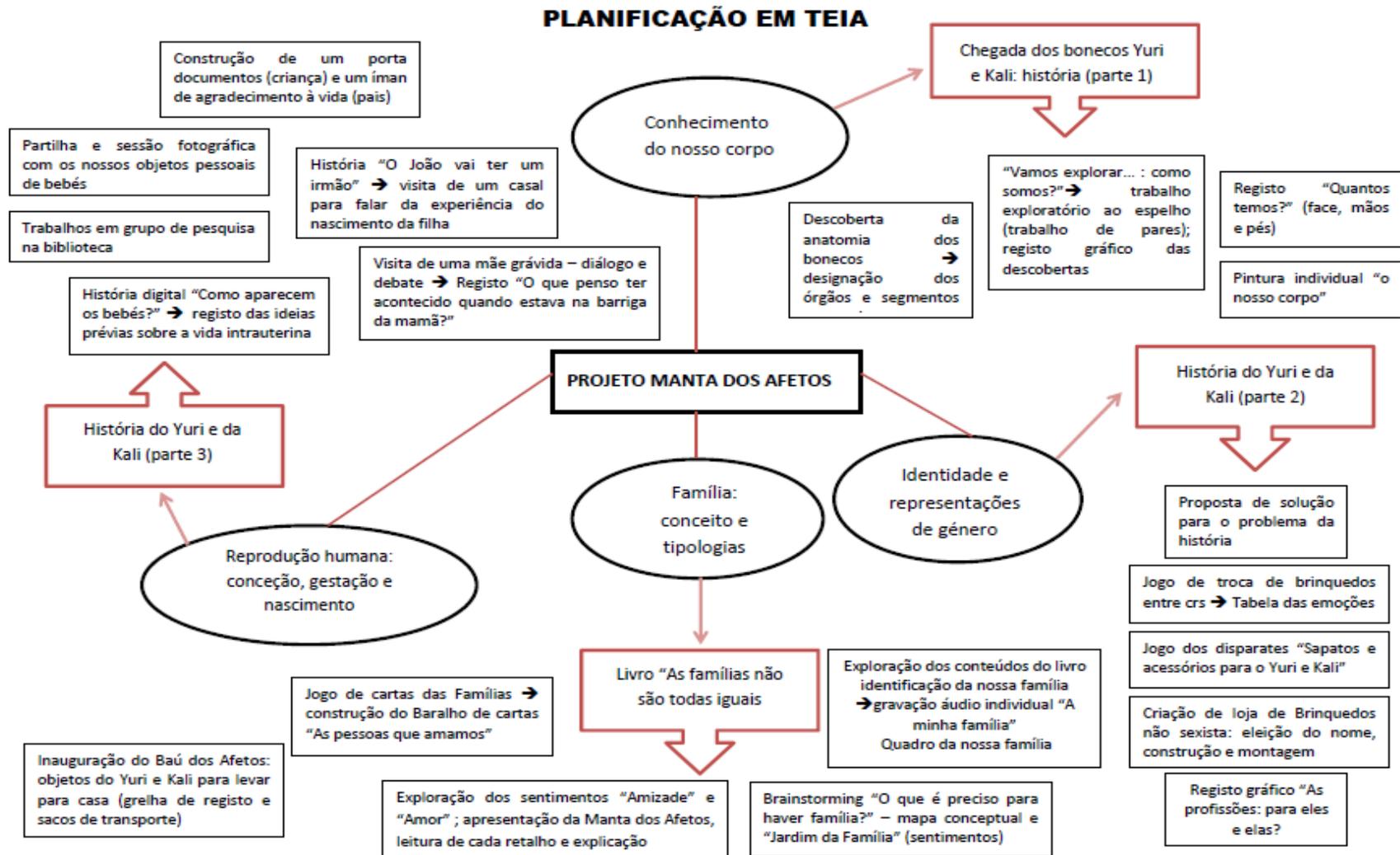


TABELA 1**Grelha de resultados (produções das crianças)**

Sessão nº 1	Todas as crianças representam corretamente através da pintura o corpo nu (menina ou menino) e nomeiam todas as partes desenhadas. Ficaram a conhecer a terminologia correta de algumas partes do corpo, como por exemplo cotovelo, testa e coxa; aprenderam os nomes científicos dos genitais (pénis e vagina) - apenas 4 crianças já conheciam a designação correta antes deste projeto (Lara, Martim, Beatriz e Simão Pedrosa), mas não a utilizavam; as crianças reconhecem com facilidade as características externas dos seus pares e aprenderam uma designação nova para indicação do tipo de cabelo: liso, ondulado, encaracolado.
Sessão nº 2	As crianças reconhecem semelhanças entre meninos e meninas (cor da pele, a constituição do corpo e dos seus órgãos e as diferenças que recaem sobretudo nos genitais e nos seios (“nós temos vagina e eles têm pénis” – Beatriz; “somos diferentes nas mamas; o pipi é das meninas e a pila é dos rapazes”- Tiago Francisco). Algumas crianças já apresentavam estereótipos de género, designadamente no que se refere ao vestuário, acessórios e brinquedos infantis (durante um jogo por sorteio, três crianças ficaram tristes com a receção de um brinquedo que aleatoriamente lhes tinha sido dado atribuído: o Tiago Parente e o Tiago Francisco com a pulseira da Hello Kitty e um carrinho de bonecas, respetivamente; a Sara com uns patins) e às profissões dos adultos. Neste particular, duas meninas -Juliana e Sara- consideram que ser bailarina é uma profissão unicamente feminina e bombeiro e mecânico, atividades masculinas; outra menina – Maria- considera que ser cozinheiro e ser cabeleireiro são profissões tipicamente femininas. No que toca à opinião dos rapazes, três (Tiago Francisco, Tiago Malheiro e Sérgio) entendem que ser bailarino pertence apenas ao género feminino e que profissões como polícia, mecânico e bombeiro dizem respeito apenas aos homens. De sublinhar, que as restantes onze crianças não reconhecem distinções entre profissões para homens e mulheres. O trabalho de casa entre pais e filhos, para consolidação da abordagem não surtiu o efeito pretendido, pois apenas cinco famílias realizaram a tarefa. A atividade da loja não sexista permitiu desconstruir o estereótipo relacionado com os brinquedos, pois as crianças atribuíram novos significados e funções aos mesmos, reconhecendo no próprio objeto o seu valor de ludicidade e o seu contributo para a aprendizagem social.
Sessão nº 3	As crianças afirmavam que as famílias eram todas diferentes, mas apontavam apenas características ligadas à cor da pele, ao número de elementos, ao local onde habitavam. Ficaram particularmente sensibilizadas com a situação das crianças institucionalizadas, interrogando quem eram os pais e as mães das mesmas. O conceito de “amar” e “ser amado” foi bastante abrangente, pois definem como amor o que sentem também pelos amigos e as pessoas que interagem com eles na escola (professora, estagiárias e auxiliar), reconhecendo a reciprocidade do sentimento para com eles. Para as crianças o conceito família representa essencialmente os afetos, a atenção, o cuidar (“dar amor”, “dar muito carinho, dar abraços e beijinhos, gostar, dar alegria, dar muita paz) e as manifestações concretas do quotidiano (ajudar, dar atenção, respeitar), mas também representa o espaço onde ela se encontra (ter uma casa para a família viver) e os bens a ela associados (haver filhos, ter trabalho e dinheirinho, ter comida, ter conforto).
Sessão nº 4	As crianças vivenciaram os momentos de visita da mãe grávida e do casal com grande entusiasmo, revelando um interesse pelas partilhas efectuadas. O contacto presencial com a grávida, mas sobretudo o “tocar na barriga” foi a experiência mais entusiasta e única para algumas crianças (“nunca toquei numa barriga com um bebé” – Andreia). A atividade desencadeou o diálogo das crianças com as próprias famílias a quem foi proposto contar em casa como foi a gestação e o nascimento de cada criança. O vídeo elucidativo sobre o nascimento e as histórias narradas permitiram um diálogo aberto e simples, mas esclarecedor com as crianças quanto às suas inquietações persistentes “como aparecem os bebés e como eles nascem?”. As crianças retiveram bem a ideia de que os bebés “não aparecem, mas desejam-se...”

Conclusões	Todas as crianças apresentam bons resultados no que toca ao conhecimento do corpo e das suas partes constituintes. Todo o grupo revelou alteração quanto às suas perceções sobre género, designadamente no que se refere aos brinquedos e atividades profissionais, embora algumas crianças persistam no reconhecimento de profissões para homens e para mulheres. As crianças alargaram os seus saberes sobre as várias tipologias de famílias, mas a ideia que prevalece é que para existir Família contam os sentimentos “amor, carinho, atenção...”. Os fenómenos associados à gestação e nascimento foram os que provocaram um maior entusiasmo e motivação nas crianças e permitiram uma forte articulação com todas as famílias.
-------------------	---

TABELA 2

Análise documental dos resultados do Projeto: Avaliação final pelas crianças

CATEGORIA GERAL	CATEGORIAS ESPECÍFICAS	SUBESPECÍFICA	DISCURSOS
. Implementação do projeto	. Assuntos	. Preferidos	. CR2; CR6“Gostei de tudo!” . CR9 “Das pessoas que nos amam”
		. Menos agradáveis	
	. Tarefas e atividades	. Preferidas	. CR1 “Do trabalho das pessoas que amamos: o quadro em prato de papel” . CR2 “De fazer o baralho de cartas das pessoas que amamos” . CR4 “De fazer o trabalho do espelho e de ver o nosso corpo e o dos amigos” . CR5 “De fazer o desenho do bebê” . CR7 “De fazer o desenho de como eu era quando era bebê e de ver o corpo ao espelho com o Tiago” . CR8 “ De desenhar o bebê na barriga da mãe” . CR10 “Do trabalho no espelho para descobrir o nosso corpo e o da pintura do corpo nu” . CR 11 “Gostei de todos os trabalhos” . CR12 “Do trabalho das profissões, porque havia o mecânico, o bombeiro, o cozinheiro, a senhora do ballet, a cabeleireira e o polícia” . CR14 “...de pintar o corpo nu” .CR15 “ De desenhar e de fazer a pintura do corpo nu”
		. Menos preferidas	. CR1 “ O trabalho das profissões porque era complicado” . CR3 “A pintura do corpo humano foi difícil” . CR4; CR5 ”Do trabalho <i>Quantos temos?</i> , porque eu enganei-me” . CR7; CR10 “Do trabalho <i>Quantos temos?</i> porque era um bocadinho difícil” . CR8 “O trabalho das profissões porque era difícil” . CR9 “O trabalho das profissões – deu-me muito trabalho” . CR11; CR14; CR15 “ O trabalho das profissões era um bocadinho chato e tinha de pintar muito” . CR13 “Do trabalho da família com quem vivemos, porque deu muito trabalho”
. Recursos e materiais	. Preferidos	. CR3 “ Da história da sementinha do pai que entra na sementinha da mãe” . CR5 “De ver o vídeo sobre os bebês quando nascem” . CR6 “Do Yuri e da Kali e de levar os brinquedos deles para a minha casa” . CR13 “Da história do bebê a nascer” . CR14 “Do Yuri e da Kali”	

		. Menos preferidos	
. Aprendizagens realizadas	. Conhecimento do corpo		. CR5 “O nome do <i>pipi</i> que era <i>vagina</i> ” . CR7 “O que a mamã me disse: Diz-se <i>vagina</i> e <i>pénis</i> , não é <i>pipi</i> e <i>pilinha</i> . . CR9 “As partes do corpo. Não sabia que o <i>pipi</i> se chamava <i>vagina</i> ” . CR11 “Aprendi a palavra <i>vagina</i> ” . CR12 “Antes não sabia o outro nome da <i>pilinha</i> ” . CR15 “Coisas sobre o meu corpo e o nome verdadeiro de <i>pila</i> que se chama <i>pénis</i> ”
	. Género e representações		. CR10 “Que há sapatos que podem ser para meninas e meninos e também profissões que podem ser nossas (de rapazes) e de mulheres”
	. Família		. CR2 “Que as famílias são todas diferentes” CR14 “Que as famílias são todas diferentes: há famílias que não têm filhos e vão buscar os filhos e casas onde há filhos; há famílias que só vivem com a mãe e não têm pai, nem avó”
	. Reprodução humana		. CR1; CR6 “Como nascem os bebés” . CR2 “Fiquei triste porque não aprendi como nascem os bebés porque estava de férias em França” . CR3 “Como nascem os bebés e o nome do cordão do bebé” . CR4 “ Como cresce o bebé na barriga” . CR5 “Que os bebés nascem também pela vagina. Pensava que era pela barriga” . CR7 “Como nascem os bebés e como eles crescem na barriga” . CR8 “A parte que falamos da sementinha do pai e da mãe que se juntam para dar um bebé” . CR11 “Que as sementes do pai e da mãe quando são duas podem nascer dois bebés” . CR12 “Não sabia que o cordão do bebé se chamava umbilical” . CR13 “ As coisas da mãe e do filho”

TABELA 3**Análise categorial: Entrevistas aos pais**

ÁREA TEMÁTICA: Assuntos de educação para a sexualidade a abordar na faixa etária dos 4/5 anos

CATEGORIA GERAL	CATEGORIA ESPECÍFICA	SUBESPECÍFICA	DISCURSOS
.Temáticas	. autoconhecimento e conhecimento do corpo	.masturbação	
	. questões de género		
	. família e relações pessoais		
	.valores e comportamentos sociais	.abuso sexual e outras agressões	
	.reprodução humana		

ÁREA TEMÁTICA: Perspetivas sobre o projeto que visa a abordagem da sexualidade no pré-escolar

CATEGORIA GERAL	CATEGORIA ESPECÍFICA	SUBESPECÍFICA	DISCURSOS
.Abordagem da sexualidade nos 4/5 anos	. inadequada		
	. adequada		
. Sentimentos	. iniciais	. positivos	
		.negativos	
	.após implementação	.positivos	
		.negativos	
. Estrutura do projeto			
. Resultados alcançados	. com as crianças		
	. com os pais/família	. aprendizagens efetuadas	
		. fortalecimento de relações entre pais e com a escola	
		. antecipação de temas a abordar e atitudes a tomar no futuro com os filhos	
. com a escola			

. Continuidade do projeto	. pertinência		
	. duração		
	. intervenientes		
	. assuntos		
	. modalidade de implementação		
	. disseminação		
	. disponibilidade para participar		

TABELA 4
Análise categorial: *Focus Group* com pais

ÁREA TEMÁTICA: Comparação entre educação recebida e desempenho do papel parental			
CATEGORIAS GERAIS	CATEGORIAS ESPECÍFICAS	CATEGORIAS SUBESPECÍFICAS	Discursos
Comunicação	. maior abertura e equilíbrio na relação pais-filhos		
	. maior conhecimento acerca da temática sexualidade		
	. maior partilha entre pai e mãe atualmente		
	. práticas dispares entre mãe e pai no passado		
	. maior proximidade da mãe no passado		
ÁREA TEMÁTICA: Importância da Educação sexual para a família			
Objetivos a alcançar	. pela criança	. maior autoestima e autoconfiança	
		. assertividade nas relações	
	. pelos pais	. capacidade de proteção pessoal	
		. ser eficaz na orientação dos filhos	
Dificuldades sentidas	. impacto dos media		
	. ausência de orientação prévia sobre a temática		
ÁREA TEMÁTICA: Assuntos de educação para a sexualidade a abordar na faixa etária 4/5 anos			
Temáticas	. autoconhecimento e conhecimento do corpo	. comparação com sexo oposto	
		. masturbação	
	. questões de género		
	. família e relações interpessoais		
	. valores e comportamentos sociais	. abuso sexual e outras agressões	
		. importância do NÃO	
	. reprodução humana		

ANEXO 1

Pedido de autorização à direção do agrupamento de escolas para implementação do Projeto Algodão Doce

Por altura da sinalização dos 30 Anos de Infeção por VIH em Portugal, O CAPS VIH/SIDA, do Gabinete de Atendimento à Família (GAF), vem por este meio apresentar um novo programa de intervenção, que visa a educação para a sexualidade e para os afetos no pré-escolar. É dirigido aos educadores de infância e aos encarregados de educação das crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.

A educação pré-escolar constitui uma etapa com identidade própria – “(...) sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança (...)” (Lei-Quadro da Educação Pré-escolar). É neste contexto que deve iniciar-se a educação para a saúde e especificamente a educação sexual.

Há poucos anos a esta parte, os investigadores e os profissionais de saúde reconheceram a relevância do papel da família e das instituições educativas, nomeadamente os Jardins de Infância (J.I.), para a prevenção da infeção pelo VIH e outras IST's e para a promoção da saúde, dado se constituírem como os principais agentes de socialização e grupos de referências com maior impacto na formação de valores, crenças, conceptualizações, atitudes e educação moral. Assim, importa estabelecer pontos de conexão essenciais favorecedores do envolvimento da família no trabalho desenvolvido por estas instituições, de modo a que as estratégias utilizadas por estes agentes de socialização se integrem e complementem, para se atingir o êxito no processo educativo.

As dificuldades enfrentadas pelos pais e educadores são enormes. Falar com os filhos/educandos sobre sexualidade requer preparação!

No seguimento do acima mencionado, vimos por este meio solicitar a autorização de V/Exa. para que o referido programa intitulado “Algodão Doce” seja implementado no Agrupamento de Monte da Ola, mais precisamente no J.I. de Mazarefes no presente ano letivo e seguinte.

Mais temos a informar que a Educadora Maria do Carmo Cunha, titular do grupo de 4 e 5 anos do JI mencionado e aluna do Mestrado MPES do IPVC, pretende desenvolver a sua investigação no âmbito deste programa, sob a orientação da Professora Doutora Luísa Santos que assume igualmente a supervisão do mesmo. Aguardamos pela resposta de V/Exa., com a maior brevidade possível.

Atenciosamente,
Leandra Rodrigues
(Coordenadora do GAF)

Carina Parente
(A Responsável pelo CAPS VIH/SIDA)

ANEXO 2

Consentimento informado para participação das crianças

Exmos pais,

O Jardim de Infância é o espaço privilegiado onde decorrem aprendizagens significativas para o desenvolvimento integral da criança, promovendo um conjunto de competências em todas as áreas do saber, designadamente a Educação para a Saúde.

No jardim de Infância de Mazarefes (sala 1) será realizado um estudo de investigação denominado “Projeto Manta dos Afetos” que visa implementar uma abordagem no campo da Educação para a Sexualidade para crianças entre os quatro e cinco anos de idade.

Este estudo enquadra-se no âmbito do Mestrado em Promoção e Educação para a Saúde da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo (em parceria com a Escola Superior de Saúde) e os resultados obtidos destinam-se à elaboração da Tese de Mestrado da aluna Maria do Carmo Cavalheiro da Cunha (docente titular do jardim de infância mencionado). São garantidos o anonimato e confidencialidade de todos os dados, os quais serão apenas utilizados para o fim a que se destinam. A aluna compromete-se ainda a salvaguardar os melhores interesses das crianças.

Vem por este meio solicitar a sua autorização para a participação do seu educando neste estudo.

Grata pela atenção e colaboração dispensadas.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu,de forma livre e esclarecida, manifesto o meu consentimento para que o meu educandoparticipe no estudo. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Mazarefes, de janeiro de 2014

Assinatura do Encarregado de Educação

ANEXO 3

Protocolo de consentimento informado para participação dos pais no estudo *Algodão Doce*

Eu, _____ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Maria do Carmo Cunha (Aluna da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo), orientado pela Doutora Maria Luísa Santos (Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde de Viana do Castelo) e pela Psicóloga Carina Parente (Co-orientadora de Mestrados na ESS – IPVC), no âmbito da dissertação de Mestrado do Curso de Promoção e Educação para a Saúde.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo, entendi e aceito integrar um grupo de discussão focalizada, que explora as questões ligadas à temática da Educação Sexual e para os Afetos, com sessões nos dias 13 de janeiro, 10 de março, 12 de maio e 23 de junho de 2014.

Com esta participação, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área da educação sexual, da prevenção das IST e do abuso sexual, pelo que não espero qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Entendo, ainda, que será salvaguardada a minha identidade e assegurada a confidencialidade dos dados.

Nome _____

Assinatura _____

Data ___/_____/2014

ANEXO 4

Guião da entrevista com pais participantes do *Focus Group*

Objetivos da entrevista:

- ◆ Conhecer as perceções dos pais acerca do seu papel na educação para a sexualidade dos seus filhos
- ◆ Perceber a importância que os pais atribuem à implementação da ES no contexto do pré-escolar
- ◆ Analisar quais os agentes a quem os pais reconhecem competência para a implementação da ES no jardim de infância
- ◆ Conhecer os assuntos considerados mais relevantes para abordar nesta faixa etária
- ◆ Analisar quais as suas expectativas iniciais relativamente ao Projeto (o que esperavam dele, o que achavam que ele iria abordar,...)
- ◆ Identificar os aspetos positivos e negativos sentidos após a implementação do projeto, quer para os pais, quer para os seus filhos
- ◆ Perceber a adequação deste projeto à faixa etária e a vantagem de ser replicado com outros grupos, bem como da continuidade do mesmo com o grupo experimental

Critérios de seleção da amostra:

- participação em todo o projeto (enquanto elemento do *Focus Group* e pais na Manta dos Afetos);
- equidade no sexo das crianças;
- famílias nucleares.

Questões:

1. Na sua opinião, qual o seu papel na educação para a sexualidade dos seus filhos? Que considera que poderia fazer diferente daquilo que já faz?
2. Ao nível da educação para a sexualidade, quais suas preocupações que sente, enquanto mãe?
3. Considera que a Educação Sexual (ES) pode ser uma mais valia para o desenvolvimento e formação da sua filha? Na sua opinião, a partir de que momento é que a ES deve ser implementada? E ao nível do contexto escolar? Quem deve assumir essa responsabilidade?
4. Quais os assuntos que podem ser tratados com crianças desta idade?
5. Quando tomou conhecimento deste projeto, qual foi a sua primeira reação? E quais as expectativas que tinha quando este começou a ser implementado?
6. Após o término do projeto, indique quais os aspetos que considera positivos neste e ... quais os negativos? (para todos os que estiveram envolvidos no projeto)
7. Na sua opinião, este projeto deve continuar? Se sim, até que idades? E em que termos? Estaria disponível para manter a sua participação? Considera que este ainda lhe poderá ser útil a si e à sua filha? Em que aspetos? E poderá ser útil a outras crianças e famílias?

Muito obrigada!!!

ANEXO 5

Protocolo de consentimento informado para realização da entrevista com pais

Eu.....,
nascido(a) em/...../....., portador(a) do BI/Cartão do Cidadão nº.....
declaro que:

Após devidamente esclarecido(a) da natureza e objetivos do estudo e com a garantia do meu anonimato e da confidencialidade dos dados, autorizo a utilização dos dados recolhidos para a realização de um estudo de investigação subordinado ao tema: “Educação para os afetos e sexualidade no pré-escolar”, realizado por uma estudante do Mestrado em Promoção e Educação para a Saúde, da Escola Superior de Saúde em parceria com a Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Em qualquer momento posso abandonar o estudo, não decorrendo daí quaisquer prejuízos ou desvantagem.

Viana do Castelo, de de 201....

Assinatura do investigador:

.....

Assinatura do entrevistado:

.....